

# A Teologia Reformada da Evangelização – Considerações Introdutórias –<sup>1</sup>

---

Hermisten M.P. Costa\*

“A Grande Comissão não é um manifesto de marketing. O evangelismo não requer vendedores, e, sim, profetas” – John F. MacArthur Jr.<sup>2</sup>

“Nós precisamos lembrar que pecadores não são ganhos através de relações públicas bem engendradas, mas o evangelho – uma mensagem inerentemente exclusiva – é o poder de Deus para a salvação” – John F. MacArthur Jr.<sup>3</sup>

“O grande perigo é tornar a teologia um tema abstrato, teórico, acadêmico. Ela jamais poderá ser isso, porque é conhecimento de Deus” – D.M. Lloyd-Jones.<sup>4</sup>

## INTRODUÇÃO:

A Igreja é uma testemunha comissionada pelo próprio Deus, para narrar os Seus atos Gloriosos e Salvadores. A igreja é o meio ordinário de Deus para esta tarefa. Assim, a sua mensagem não foi recebida de terceiros, mas sim, diretamente de Deus, através da Palavra do Espírito, registrada nas Sagradas Escrituras. A Igreja declara ao mundo, o “Evangelho do Reino”, visto e experimentado por ela em sua cotidianidade. “A Igreja e o evangelho são inseparáveis. (...) A Igreja é tanto o fruto como o agente do evangelho, visto que por meio do evangelho a igreja se desenvolve e por meio desta se propaga aquele”.<sup>5</sup> O testemunho da I-

---

\*Hermisten Maia Pereira da Costa é pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil integrando a equipe de Pastores da Primeira Igreja Presbiteriana em São Bernardo do Campo, SP.

<sup>1</sup> Palestra ministrada no dia 28/10/07 no Evento *Celebrando a Reforma Protestante*, promovido pela Igreja Cristã Evangélica de Brasília, DF.

<sup>2</sup> John F. MacArthur Jr., *Com Vergonha do Evangelho*, São José dos Campos, SP.: Fiel, 1997, p. 14.

<sup>3</sup> John F. MacArthur Jr., *Princípios para uma Cosmologia bíblica: Uma mensagem exclusivista para um mundo pluralista*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 9.

<sup>4</sup> D.M. Lloyd-Jones, *Uma Escola Protestante Evangélica*: In: *Discernindo os Tempos*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1994, p. 389.

<sup>5</sup> John R.W. Stott & Basil Meeking, editores, *Dialogo Sobre La Mision*, Grand Rapids, Michigan: Nueva Creación, 1988, p. 62.

greja é resultado de uma experiência pessoal: O Espírito dá testemunho do Filho, porque procede do Pai e do Filho (Jo 14.26; 15.26; Gl 4.6); nós damos testemunho do Pai, do Filho e do Espírito, porque Os conhecemos e temos o Espírito em nós (Jo 15.26,27; 14.23/Rm 8.9). Notemos, contudo, que a experiência da Igreja não se torna a base da sua proclamação; ela anuncia não as suas experiências, mas, a Palavra de Deus. A nossa tarefa é ensinar o Evangelho tal qual registrado nas Escrituras, em submissão ao Espírito que nos dá compreensão na e através da Palavra (Sl 119.18).

De forma ilustrativa podemos mencionar que com Calvino (1509-14564) Genebra se tornou um grande centro missionário, uma verdadeira “escola de missões”, porque os foragidos que lá se instalaram, puderam, posteriormente, levar para os seus países e cidades o Evangelho ali aprendido. “O estabelecimento da Academia foi em parte realizado por causa do desejo de suprir e treinar missionários evangélicos”, informa-nos Mackinnon.<sup>6</sup> Destacamos que, com exceção de Isaías, todos os comentários de Calvino sobre os profetas “consistem em sermões direcionados a alunos em treinamento para o trabalho missionário, principalmente na França”.<sup>7</sup>

Este objetivo da Academia faz jus à compreensão missionária de Calvino. Comentando 1Tm 2.4, Calvino afirma: “... nenhuma nação da terra e nenhuma classe social são excluídas da salvação, visto que Deus quer oferecer o Evangelho a todos sem exceção”.<sup>8</sup> Por isso, “O Senhor ordena aos ministros do Evangelho (que preguem) em lugares distantes, com o propósito de espalhar a doutrina da salvação em cada parte do mundo”.<sup>9</sup> Analisando uma das implicações da petição “venha o Teu Reino”, comenta: “Portanto, nós oramos pedindo que venha o reino de Deus; quer dizer, que todos os dias e cada vez mais o Senhor aumente o número dos Seus súditos e dos que nele crê-

---

<sup>6</sup> James MacKinnon, *Calvin and the Reformation*, London: Longmans, Green, and Co. 1936, p. 196.

<sup>7</sup> T.H.L. Parker em Prefácio à Versão Inglesa do Comentário de Daniel [João Calvino, *O Profeta Daniel: 1-6*, São Paulo: Parakletos, 2000, Vol. 1, p. 13].

<sup>8</sup> João Calvino, *As Pastorais*, São Paulo: Parakletos, 1998, (1Tm 2.4), p. 60. Ver também: John Calvin, *Calvin's Commentaries*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House Company, 1996 (Reprinted), Vol. XII, (Ez 18.23), p. 246-249. Para um estudo sobre a visão missionária de Calvino, ver: James MacKinnon, *Calvin and the Reformation*, London: Longmans, Green, and Co. 1936, p. 195-205; Philip E. Hughes, John Calvin: Director of Missions. In: John H. Bratt, ed. *The Heritage of John Calvin*, Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1973, p. 40-54; R. Pierce Beaver, The Genevan Mission to Brazil. In: J. H. Bratt, ed. *The Heritage of John Calvin*, Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1973, p. 55-73; W. Stanford Reid, Calvin's Geneva: A Missionary Centre. In: Richard C. Gamble, ed. *Calvin's work in Geneva*, New York: Garland Pub., 1992; J. Vanden Berg, Calvino y las Misiones. In: Jacob T. Hoogstra, org. Juan Calvino, Profeta Contemporáneo, Barcelona: CLIE., 1973, p. 169-185; S.L. Morris, The Relation of Calvin and Calvinism to Missions: In: R.E. Magill, ed. *Calvin Memorial Addresses*, Richmond VA.: Presbyterian Committee of Publication, 1909, p. 127-146; Antonio Carlos Barro, A Consciência Missionária de João Calvino. In: *Fides Reformata*, São Paulo: Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, 3/1 (1998), 38-49; Ray Van Neste, John Calvin on Evangelism and Missions. In: <http://wwwFOUNDERS.org/FJ33/article2.html> (Consultado em 24/10/07); Frank A. James III, Calvin, the Evangelist. In: <http://www.rts.edu/quarterly/fall01/james.html> (Consultado em 24/10/07).

<sup>9</sup> John Calvin, *Calvin's Commentaries*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House Company, 1996 (Reprinted), Vol. XVII, (Mt 28.19), p. 384.

em....”.<sup>10</sup> “.... é nosso dever para proclamar a bondade de Deus a toda nação”.<sup>11</sup>

## 1. DEFINIÇÃO DE EVANGELIZAÇÃO:

Podemos definir operacionalmente a evangelização, como sendo a proclamação essencial<sup>12</sup> da Igreja de Cristo, que consiste no anúncio de Suas perfeições e de Sua obra salvífica, conforme ensinadas nas Sagradas Escrituras, reivindicando pelo Espírito, que os homens se arrependam de seus pecados e creiam salvadoramente em Cristo.

Evangelizar significa confrontar os homens com as reivindicações de Cristo, decorrentes do caráter de Deus.

Deste modo, a Evangelização deve ser definida dentro de uma perspectiva da sua *mensagem*, não do seu *resultado*. Nem toda proclamação que “surte efeito” é evangelização e, nem toda a pregação que “não alcança os resultados esperados”, deixou de ser evangelização.<sup>13</sup> Esta visão pragmática não pode ser aplicada à evangelização, sem que percamos de vista o seu significado fundamental. Há sempre o perigo de forjarmos resultados partindo de métodos estranhos à Palavra. Por exemplo: em busca de uma maior vivacidade espiritual de nossos ouvintes, podemos criar um ambiente artificial de alegria e comunhão, tendo o pressuposto ilusório de que todas as pessoas demonstram o seu contentamento, edificação e crescimento do mesmo modo. Possivelmente sem perceber, elegemo-nos, sem nenhuma modéstia, o padrão comportamental litúrgico de todas as pessoas, tornamo-nos, por nossa conta e risco, o “metrolitúrgós”... Dentro desta insanidade tão comum em nossos tempos, começamos a pregar de forma “diferente” para atrair, contagiar e, até mesmo, converter pecadores endurecidos. Quando assim fazemos, estamos, sem nos darmos conta, passando a confiar em nossos métodos, e não mais no Evangelho como o

---

<sup>10</sup> João Calvino, *As Institutas da Religião Cristã: edição especial com notas para estudo e pesquisa*, São Paulo: Cultura Cristã, 2006, Vol. 3, (III.9.39), p. 124. “Como nós não sabemos quem são os que pertencem ou deixam de pertencer ao número e companhia dos predestinados, devemos ter tal afeto, que desejemos que todos se salvem; e assim, procuraremos fazer a todos aqueles que encontrarmos, sejam participantes de nossa paz (...). Quanto a nós concerne, deverá ser a todos aplicada, à semelhança de um remédio, salutar e severa correção, para que não pereçam eles próprios, ou a outros não percam. A Deus, porém, pertencerá fazê-la eficaz àqueles a Quem preconheceu e predestinou” (João Calvino, *As Institutas*, III.23.14).

<sup>11</sup> John Calvin, *Calvin's Commentaries*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House Company, 1996 (Reprinted), Vol. VII, (Is 12.5), p. 403.

<sup>12</sup> Coloquei a evangelização como uma “proclamação essencial”, por entender que a Igreja por si só já é um testemunho do “Evangelho de Deus” e, como tal, faz parte da sua essência anunciá-lo como realidade historicada. João Calvino (1509-1564) observou com precisão, que uma das marcas da Igreja de Cristo, é a “pregação pura da Palavra de Deus” (Vd. *As Institutas, Dedicatória*, 10; IV.1.9-12; IV.2.1).

<sup>13</sup> Vejam-se: J.I. Packer, *Evangelização e Soberania de Deus*, 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1990, p. 22ss.; 29ss.; John R.W. Stott, *A Base Bíblica da Evangelização*: In: *A Missão da Igreja no Mundo de Hoje*, São Paulo/ Belo Horizonte, MG.: ABU/Visão Mundial, 1982, p. 39-40.

Poder de Deus para a transformação (Rm 1.16). Insisto: a proclamação cristã deve ser avaliada primeiramente pelo seu conteúdo, não simplesmente pelo seu aparente resultado.

## 2. PRESSUPOSTOS DA EVANGELIZAÇÃO:

Quando evangelizamos, levamos conosco, mesmo que ainda não tenhamos parado para analisar, alguns pressupostos fundamentais que norteiam o conteúdo de nossa proclamação e, mais do que isso, direcionam o nosso ato proclamante, bem como as nossas expectativas no que se refere aos frutos da evangelização. São estes pressupostos que determinam a nossa maneira de ver e, portanto, agir no mundo.<sup>14</sup> A nossa percepção e ação fundamentam-se em nossos pressupostos os quais são reforçados, transformados, lapidados ou abandonados em prol de outros, conforme a nossa percepção dos “fatos”. Portanto, a evangelização, como a praticamos e se praticamos, está relacionada à nossa perspectiva da Palavra. A questão epistemológica antecede à práxis.

Vejamos alguns desses pressupostos.

### A. A Inspiração e Inerrância das Escrituras:<sup>15</sup>

Entendemos a inspiração, como sendo a influência sobrenatural do Espírito de Deus sobre os homens separados por Ele mesmo, a fim de registrarem de forma inerrante e suficiente toda a vontade revelada de Deus, constituindo este registro na única fonte e norma de todo o conhecimento cristão (2Tm 3.16; 2Pe 1.20-21).<sup>16</sup>

<sup>14</sup> “Seria atenuar os fatos dizer que a cosmovisão ou visão de mundo é um tópico importante. Diria que compreender como são formadas as cosmovisões e como guiam os limitam o pensamento é o passo essencial para entender tudo o mais. Compreender isso é algo como tentar ver o cristalino do próprio olho. Em geral, não vemos nossa própria cosmovisão, mas vemos tudo olhando por ela. Em outras palavras, é a janela pela qual percebemos o mundo e determinamos, quase sempre subconscientemente, o que é real e importante, ou irreal e sem importância” (Phillip E. Johnson no Prefácio à obra de Nancy. Pearcey, *A Verdade Absoluta: Libertando o Cristianismo de Seu Cativo Cultural*, Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2006, p. 11). “Todas as pessoas têm seus pressupostos, e elas vão viver de modo mais coerente possível com estes pressupostos, mais até do que elas mesmas possam se dar conta. Por pressupostos entendemos a estrutura básica de como a pessoa encara a vida, a sua cosmovisão básica, o filtro através do qual ela enxerga o mundo. Os pressupostos apóiam-se naquilo que a pessoa considera verdade acerca do que existe. Os pressupostos das pessoas funcionam como um filtro, pelo qual passa tudo o que elas lançam ao mundo exterior. Os seus pressupostos fornecem ainda a base para seus valores e, em conseqüência disto, a base para suas decisões” (Francis A. Schaeffer, *Como Vivemos?.* São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 11).

<sup>15</sup> Sobre este tópico, veja-se, Hermisten M.P. Costa, *A Inspiração e a Inerrância das Escrituras*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1998.

<sup>16</sup> “Toda a Escritura é inspirada por Deus (Qeo/pneustoj) e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2Tm 3.16-17). “Sabendo, primeiramente, isto: que nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação; porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens santos falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo” (1Pe 1.20-21).

Benjamin B. Warfield (1851-1921), comentando o Texto de 2Tm 3.16, diz:

"Numa palavra, o que se declara nesta passagem fundamental é, simplesmente, que as Escrituras são um produto divino, sem qualquer indicação da maneira como Deus operou para as produzir. Não se poderia escolher nenhuma outra expressão que afirmasse, com maior saliência, a produção divina das Escrituras, como esta o faz. (...) Paulo (...) afirma com toda a energia possível, que as Escrituras são o produto de uma operação especificamente divina".<sup>17</sup>

A palavra *Qeo/pneustoj* não significa "*ins-pirado*" mas, sim "*ex-pirado*"; ou seja, ao invés de soprado para dentro, soprado para fora. O que Paulo quer dizer, é que toda a Escritura Sagrada é soprada, exalada por Deus. Ou, se tomarmos a palavra apenas no sentido passivo, diremos que "Deus em sua revelação é soprado pelas páginas das Escrituras". Deste modo, podemos dizer que Deus é o Autor e o Conteúdo das Escrituras.

A Bíblia é o resultado da vontade soberana de Deus, que se revelou e fez registrar fidedignamente esta revelação.

É justamente devido ao fato de muitos cristãos terem negado de modo confessional e/ou vivencial a inspiração e a inerrância das Escrituras, que tem havido tantas heresias em toda a história do Cristianismo. Este desvio teológico, acerca destas verdades, tem contribuído de forma acentuada, para que os homens não mais discernam a Palavra de Deus e, por isso, não possam usufruir da Sua operação eficaz levada a efeito pelo Espírito. Paulo escreve aos tessalonicenses: "*Outra razão ainda temos nós para incessantemente dar graças a Deus: é que, tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus, acolhestes não como palavra de homens, e, sim como, em verdade é, a palavra de Deus, a qual, com efeito, está operando eficazmente em vós, os que credes*" (1Ts 2.13/Jo 17.17). Devemos observar aqui que os tessalonicenses receberam a pregação de Paulo reconhecendo na sua mensagem a procedência de Deus. Pelo Espírito eles creram, "acolheram" a mensagem e, a partir de então, Deus continuou operando eficaz e poderosamente em sua vida; notem bem; na vida dos que creram. O ouvir deve ser acompanhado pela fé; a Palavra não pode ser dissociada da fé. "A Palavra só exerce o seu poder em nós quando a fé entra em ação".<sup>18</sup> (Hb 4.2).<sup>19</sup>

No ato evangelizador da Igreja, ela prega a Palavra de Deus, conforme a ordem divina expressa nas Escrituras; fala da salvação eterna oferecida por Cristo, conforme as Escrituras; proclama as perfeições de Deus, conforme as Escrituras. Ora, se a Igreja não tem certeza da fidedignidade do que ensina, como então, poderá teste-

---

<sup>17</sup> B.B. Warfield, *Revelation and Inspiration*: In: *The Works of Benjamin B. Warfield*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 2000 (Reprinted), Vol. I, p. 79.

<sup>18</sup> João Calvino, *Exposição de Hebreus*, (Hb 4.2), p. 101.

<sup>19</sup> "Porque também a nós foram anunciadas as boas-novas, como se deu com eles; mas a palavra que ouviram não lhes aproveitou, visto não ter sido acompanhada pela fé naqueles que a ouviram" (Hb 4.2).

munhar de forma honesta?

Uma Igreja que não aceite a inspiração e a inerrância bíblica, não poderá ser uma igreja missionária.<sup>20</sup> Como poderemos pregar a Palavra se não estivermos confiantes do sentido exato do que está sendo dito? Como evangelizar se nós mesmos não temos certeza, se o que falamos procede da Palavra de Deus ou, está embasado numa falácia?

Billy Graham, em 1974, no Congresso de Lausanne, na Suíça, afirmou corretamente: “Se há uma coisa que a história da Igreja nos deveria ensinar, é a importância de um evangelismo teológico derivado das Escrituras”.<sup>21</sup>

Neste sentido, encontramos a convicção de Paulo, o grande missionário, de que a Palavra de Deus é fiel; por isso, ele a ensinava com autoridade (1Tm 1.15; 4.9/2Tm 4.6-8).<sup>22</sup>

A grandiosidade da pregação consiste basicamente, não nos recursos de retórica (os quais certamente devem ser buscados), mas em sua pureza, em sua fidelidade à Palavra.<sup>23</sup> Como bem disse Charles H. Spurgeon (1834-1892), “Se o que pregarem não for a verdade, Deus não estará aí”.<sup>24</sup> Assim sendo, a pregação grandiosa é bíblica. Pois bem, se eu não creio na inspiração e inerrância da Bíblia, certamente, poderei ter consciência da biblicidade da minha pregação (basta que pregue

---

<sup>20</sup> Não faço aqui nenhuma distinção entre “missão” e “evangelização” (Vd. R.B. Kuiper, *Evangelização Teocêntrica*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1976, p. 1). Orlando E. Costa, que diz haver uma confusão entre os termos, assim os distingue: “Missão e evangelismo são, pois, dois lados da mesma moeda. A moeda é Deus (Sic) e Sua atividade redentora em favor de toda a humanidade. Evangelismo é o anúncio dessa obra; missão é o mandamento que nos compele a pôr em ação esse anúncio” (Orlando E. Costas, *La Iglesia e Su Mision Evangelizadora*, Buenos Aires: La Aurora, 1971, p. 27). O autor acrescenta, de forma acertada, que a distinção equivocada entre “missão” e “evangelização”, tem levado a Igreja a ter uma visão unilateral de missão: ou apenas no exterior, esquecendo-se do seu âmbito local, ou apenas local em detrimento daquela. (Vd. *Ibidem.*, p. 33ss). Neste sentido, vejam-se as pertinentes observações de Francis A. Schaeffer (F. A. Schaeffer, *Forma e Liberdade na Igreja*: In: *A Missão da Igreja no Mundo de Hoje*, São Paulo/Belo Horizonte, MG.: ABU/Visão Mundial, 1982, p. 222).

<sup>21</sup> Billy Graham, *Por que Lausanne?*: In: *A Missão da Igreja no Mundo de Hoje*, p. 20.

<sup>22</sup> “Fiel é a palavra e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal” (1Tm 1.15). “Fiel é esta palavra e digna de inteira aceitação” (1Tm 4.9). “Quanto a mim, estou sendo já oferecido por libação, e o tempo da minha partida é chegado. Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda” (2Tm 4.6-8).

<sup>23</sup> Vd. John H. Jowett, *O Pregador, Sua Vida e Obra*, São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1969, p. 97.

<sup>24</sup> C.H. Spurgeon, *Firmes na Verdade*, Lisboa: Edições Peregrino, 1990, p. 85. Alhures, Spurgeon, nos diz: “O verdadeiro ministro de Cristo sabe que o verdadeiro valor de um sermão está, não em seu molde ou modo, mas na verdade que ele contém. Nada pode compensar a ausência de ensino; toda retórica do mundo é apenas o que a palha é para o trigo, em contraste com o evangelho da nossa salvação. Por mais belo que seja o cesto do semeador, é uma miserável zombaria, se estiver sem sementes” (*Lições aos Meus Alunos*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1982, Vol. II, p. 88).

o que está escrito), contudo, como poderei ter certeza da veracidade daquilo que prego, visto que neste caso, ser bíblico não é a mesma coisa que ser inerrante e por isso verdadeiro? Se destruo os fundamentos, cai todo o edifício.

Creio que Satanás objetivando esmorecer o ímpeto evangelístico da Igreja, tem usado deste artifício: minar a doutrina da inspiração e inerrância das Escrituras, a fim de que a Igreja perca a compreensão de sua própria natureza e, assim, substitua a pregação evangélica por discursos éticos, políticos, sociais, filosóficos e de auto-ajuda.<sup>25</sup> Aliás, a Escritura sempre foi um dos alvos prediletos de Satanás (Vd. Gn 3.1-5; Mt 4.3,6,8,9; 2Co 4.3,4).<sup>26</sup> Satanás não diz diretamente algo a nós, mas dá a entender, induz, sugere uma idéia. Ele nos faz pensar de uma forma equivocada, dando-nos a impressão de que agora, de fato, descobrimos a verdade, temos a solução autônoma para o nosso problema e para os dos outros.

A Eva, ele diz: *“É assim que Deus disse: não comereis de toda árvore do jardim?”* (Gn 3.1). Ora, Deus não tinha dito isto; ao contrário; de toda a árvore o homem poderia comer exceto uma: a árvore do conhecimento do bem e do mal. No entanto, usando palavras semelhantes ele diz coisas bem diferentes. Na insinuação satânica havia a tentativa de dizer que Deus era mentiroso e que, portanto não deveria ser obedecido. Eva cedeu; duvidou da Palavra de Deus e conseqüentemente do Deus da Palavra.

A Jesus, com fome no deserto, ele usa da mesma estratégia, dizendo: *“Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pão”* (Mt 4.3).

O seu desejo é fazer com que Jesus duvide da Sua filiação divina ou, que tente prová-la, sucumbindo assim, à tentação. Aliás este foi um desafio comum a Jesus Cristo: usar de Seu poder eterno para fazer o que desejasse; no entanto, em tudo Ele se submeteu ao Pai conforme o pacto eterno (Mt 26.29; Jo 8.28, 29,42; 17.1-6).

Não satisfeito com a resposta de Jesus, Satanás continua: *“Se és Filho de Deus, atira-te abaixo, porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito; que te guardem; e: Eles te susterão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra”* (Mt 4.6).

Mais tarde, na sua crucificação, o mesmo tipo de tentação é feito ao Senhor Jesus: *“E foram crucificados com ele dois ladrões, um à sua direita, e outro à sua esquerda. Os que iam passando blasfemavam dele, meneando a cabeça e dizendo: Ó tu que destróis o santuário e em três dias o reedificas! Salva-te a ti mesmo, se és Filho de Deus, e desce da cruz! De igual modo, os principais sacerdotes, com os escribas e anciãos, escarnecendo, diziam: Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar-se. É rei de Israel! Desça da cruz, e creremos nele. Confiou em Deus; pois venha livrá-lo agora, se, de fato, lhe quer bem; porque disse: Sou Filho de Deus”* (Mt

---

<sup>25</sup>Vejam-se: D. Martyn Lloyd-Jones, *Pregação e Pregadores*, São Paulo: Fiel, 1984, p. 9-10; James M. Boice, *O Pregador e a Palavra de Deus*: In: J.M. Boice, ed. *O Alicerce da Autoridade Bíblica*, São Paulo: Vida Nova, 1982, p. 143-167; J.C. Ryle, *A Inspiração das Escrituras*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, (s.d.), p. 15.

<sup>26</sup>Veja-se: Hermisten M. P. Costa, *O Pai Nosso*, São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

27.38-43) (Mc 15.30-32).

Na insinuação diabólica há sempre uma tentativa de mostrar que o nosso caminho, a nossa opção é a melhor; a sua proposta sempre se configurará como a mais lógica e atraente. A desobediência a Deus de fato é, com freqüência, o caminho que nos parece mais objetivo e prático, além de encontrarmos uma inclinação natural para ele. No entanto, a vontade de Deus para nós é que resistamos a estas tentações e continuemos crendo em Deus e na Sua Palavra, seguindo a rota proposta; o caminho de vida por Ele traçado para nós.

A Igreja prega o Evangelho, consciente de que Ele é o poder de Deus para a salvação dos que crêem (Rm 1.16);<sup>27</sup> por isso, recusar o Evangelho significa rejeitar o próprio Deus que nos fala (1Ts 4.8).<sup>28</sup> Comentando Rm 1.16, Calvino diz que aqueles que se recusam ouvir “a Palavra proclamada estão premeditadamente rejeitando o poder de Deus e repelindo de si a mão divina que pode libertá-los”.<sup>29</sup> A Igreja proclama a Palavra, não as suas opiniões a respeito da Palavra, consciente que Deus age através das Escrituras, produzindo frutos de vida eterna (Rm 10.8-17; 1Co 1.21; 1Co 15.11; Cl 1.3-6; 1Ts 2.13-14).<sup>30</sup> A Igreja por si só não produz vida, todavia ela recebeu a vida em Cristo (Jo 10.10)<sup>31</sup> através da Sua Palavra vivificadora; deste modo, ela ensina a Palavra, para que pelo Espírito de Cristo,

<sup>27</sup> “Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego” (Rm 1.16).

<sup>28</sup> “Dessarte, quem rejeita estas coisas não rejeita o homem, e sim a Deus, que também vos dá o seu Espírito Santo” (1Ts 4.8).

<sup>29</sup> João Calvino, *Exposição de Romanos*, São Paulo: Paracletos, 1997, (Rm 1.16), p. 58.

<sup>30</sup> “Porém que se diz? A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração; isto é, a palavra da fé que pregamos. Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação. Porquanto a Escritura diz: Todo aquele que nele crê não será confundido. Pois não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam. Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas! Mas nem todos obedeceram ao evangelho; pois Isaías diz: Senhor, quem acreditou na nossa pregação? E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10.8-17). “Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprovou a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação” (1Co 1.21). “Portanto, seja eu ou sejam eles, assim pregamos e assim crestes” (1Co 15.11). “Damos sempre graças a Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, quando oramos por vós, desde que ouvimos da vossa fé em Cristo Jesus e do amor que tendes para com todos os santos; por causa da esperança que vos está preservada nos céus, da qual antes ouvistes pela palavra da verdade do evangelho, que chegou até vós; como também, em todo o mundo, está produzindo fruto e crescendo, tal acontece entre vós, desde o dia em que ouvistes e entendestes a graça de Deus na verdade” (Cl 1.3-6). “Outra razão ainda temos nós para, incessantemente, dar graças a Deus: é que, tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus, acolhestes não como palavra de homens, e sim como, em verdade é, a palavra de Deus, a qual, com efeito, está operando eficazmente em vós, os que credes. Tanto é assim, irmãos, que vos tornastes imitadores das igrejas de Deus existentes na Judéia em Cristo Jesus; porque também padecestes, da parte dos vossos patrícios, as mesmas coisas que eles, por sua vez, sofreram dos judeus” (1Ts 2.13-14).

<sup>31</sup> “O ladrão vem somente para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10.10).

que atua mediante as Escrituras, os homens creiam e recebam vida abundante e eterna.

A Igreja anuncia a Palavra crendo na Sua autenticidade, sabendo que Ela é a Palavra de Deus, poderosa para a salvação de todo aquele que crê. Quando anunciamos o Evangelho podemos ter a certeza de que Deus cumpre a Sua Palavra. Sem esta convicção não há lugar para a pregação eficaz.

## **B) A Universalidade do Pecado:**

Ao evangelizarmos, não saímos com uma “lanterna acesa”, procurando entre os homens aqueles que sejam pecadores. Também não abordamos as pessoas perguntando: “Você é pecador?” e no caso de uma resposta negativa, pedimos-lhe desculpas e vamos embora, buscando outros homens com “aparência” de pecador... Quando nos dirigimos aos homens apresentando a salvação por Cristo, estamos na realidade, reivindicando que eles se arrependam e creiam no Evangelho. Ao assim procedermos, estamos, de fato, pressupondo corretamente que todos os homens pecaram distanciando-se de Deus, estando perdidos, necessitando, portanto, da salvação. Esta é a convicção de Paulo: “... todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3.23).

Portanto, todo o labor evangelístico da Igreja se ampara neste pressuposto fundamental: Todos os homens pecaram, distanciando-se de Deus, o Seu Criador, em Quem somente há vida. A Igreja anuncia o Evangelho sabendo que o homem nada pode fazer para voltar à vida; todos estão mortos em seus delitos e pecados (Ef 2.1,5). Lloyd-Jones está correto ao declarar que “... é completamente antiescriturístico favorecer qualquer tipo de evangelização que negligencie a doutrina sobre o pecado”.<sup>32</sup>

A Igreja evangeliza consciente de que o pecado envolve de forma terrível e desumanizante toda a raça humana; ela sabe que a cura para o homem não está nele mesmo, mas em Jesus Cristo, Aquele que restaura a nossa verdadeira humanidade. Somente o Deus criador pode restaurar definitivamente a Sua criatura; Ele se dispôs a isso através de Seu Filho amado que deu a sua vida pelo Seu Povo (Jo 3.16), confiando esta mensagem à Igreja, que proclama o Evangelho do Poder de Deus (Rm 1.16), reivindicando que todos os homens se arrependam de seus pecados e, por graça, tornem-se para Deus. “*Ora, tudo provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, a saber, que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação. De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus. Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus. E nós, na qualidade de cooperadores com ele, também vos exortamos*”

---

<sup>32</sup>D.M. Lloyd-Jones, *Santificados Mediante a Verdade*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas (Certeza Espiritual, Vol. 3), 2006, p. 115.

a que não recebais em vão a graça de Deus (porque ele diz: Eu te ouvi no tempo da oportunidade e te socorri no dia da salvação; eis, agora, o tempo sobremodo oportuno, eis, agora, o dia da salvação) (2Co 5.18-6-2).

### C) A Soberana Graça de Deus:

“A doutrina da soberania divina seria grosseiramente mal aplicada se porventura a invocássemos de uma maneira tal que viesse a diminuir a urgência, o impulso, a prioridade e o constrangimento obrigatório do imperativo evangelístico” – J.I. Packer, *Evangelização e Soberania de Deus*, 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1990, p. 26.

O homem como ser paradoxal<sup>33</sup> que é, tende a nutrir posições diferentes sobre o mesmo assunto, dependendo das circunstâncias que, amiúde são de caráter passional. Posso, por exemplo, defender a supremacia da lei, até que eu mesmo a tenha quebrado. Do mesmo modo, posso sustentar determinados princípios liberais ou conservadores, desde que a minha família não esteja em jogo, etc. Ou seja: tendemos a ser mais subjetivos do que imaginamos ou estaríamos dispostos a admitir.

Uma doutrina que facilmente é objeto de posicionamentos contraditórios é a soberania de Deus.<sup>34</sup> Gostamos de alardear a nossa liberdade, a nossa capacidade de escolha e persuasão. Quando assim fazemos, falar em soberania de Deus parece diminuir um pouco a nossa autoconfiança e suposta autonomia; portanto, consideramos ser melhor deixá-la guardada em alguma gaveta para onde empurramos os papéis que não estão sendo utilizados e não sabemos bem o que fazer com eles. No entanto, quando nos vemos sem recursos, sem perspectivas favoráveis, sem saber o que fazer, podemos, sem talvez nos darmos conta, nos contentar com uma fé singela no cuidado de Deus e, podemos então dizer para nós mesmos: “Deus é soberano, Ele sabe o que faz”; “nada acontece por acaso...”. A bem da verdade, nós mesmos, crentes em Cristo, com certa frequência tendemos a adotar atitude semelhante. Calvino (1509-1564) capta bem isso ao dizer: “Mesmo os santos precisam sentir-se ameaçados por um total colapso das forças humanas, a fim de aprenderem, de suas próprias fraquezas, a depender inteira e unicamente de Deus”.<sup>35</sup>

Mas, afinal, Deus é ou não soberano? Parece que esta é uma das doutrinas mais repudiadas pelo homem natural e, ao mesmo tempo, é a doutrina mais consoladora

<sup>33</sup> “O ser humano tende a ser paradoxal” (Gene Edward Veith, Jr., *De Todo o teu entendimento*, São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 123).

<sup>34</sup> Pink lamenta: “Hoje, porém, mencionar a soberania de Deus em muitos ambientes, é falar uma língua desconhecida” (A.W. Pink, *Deus é Soberano*, Atibaia, SP.: Editora Fiel, 1977, p. 19).

<sup>35</sup> João Calvino, *Exposição de 2 Coríntios*, São Paulo: Paracletos, 1995, (2Co 1.8), p. 22.

para todos nós que cremos em Cristo Jesus.

Uma das grandes dificuldades dos homens em todos os tempos é deixar Deus ser Deus.<sup>36</sup> Estamos dispostos a fabricar nossos deuses para que estes possam cobrir as brechas de nossa compreensão. Deste modo, quando consigo dominar a realidade, já não preciso de Deus; quando não, invoco este meu deus para justificar as minhas crenças, expectativas e, ao mesmo tempo, a minha falta de fé. Dentro desta perspectiva, onde há ciência não precisamos de Deus; onde reina a ignorância há um espaço para um ser transcendente, destituído de sua glória, é verdade, mas assim mesmo um “ser superior”. Aqui há o esquecimento proposital, de que o ateísmo é também uma questão de fé.<sup>37</sup>

No Antigo Testamento os judeus insensíveis aos seus próprios pecados, tomaram o aparente silêncio de Deus como uma aprovação tácita de seus erros, projetando em Deus o seu comportamento. Considerando que eles mesmos procediam deste modo, pensavam que Deus fosse igual a eles. No entanto, Deus, no momento próprio, exporia diante deles os seus delitos “*Tens feito estas coisas, e eu me calei; pensavas que eu era teu igual; mas eu te argüirei e porei tudo à tua vista*” (SI 50.21). Calvino (1509-1564), diz que o homem pretende usurpar o lugar de Deus: “Cada um faz de si mesmo um deus e virtualmente se adora, quando atribui a seu próprio poder o que Deus declara pertencer-lhe exclusivamente”.<sup>38</sup>

De fato, os homens estão dispostos a reconhecer espontaneamente diversas virtudes em Deus: o seu amor, sua graça, bondade, perdão, tolerância, provisão, etc. Agora, a sua soberania, jamais.<sup>39</sup> Pink (1886-1952) entende que “negar a soberania de Deus é entrar em um caminho que, seguindo até à sua conclusão lógica, leva a manifesto ateísmo”.<sup>40</sup> A nossa dificuldade está em reconhecer a

---

<sup>36</sup> “Dizer que Deus é soberano é declarar que Deus é Deus” (A.W. Pink, *Deus é Soberano*, p. 19).

<sup>37</sup> “O ateísmo é uma questão de fé tanto quanto o cristianismo” (Alister McGrath, *O Deus Desconhecido: Em Busca da Realização Espiritual*, São Paulo: Loyola, 2001, p. 23). “Portanto, os homens que rejeitam ou ignoram a Deus o fazem não porque a ciência ou a razão requeira que o façam, mas pura e simplesmente porque querem fazê-lo” (Henry H. Morris, *The Bible has the Answer*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1971, p. 16. *Apud* D. James Kennedy, *Por Que Creio*, Rio de Janeiro: JUERP., 1977, p. 33).

<sup>38</sup> João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Parakletos, 2002, Vol. 3, (SI 100.1-3), p. 549. Veja-se também: João Calvino, *Instrução na Fé*, Goiânia, GO: Logos Editora, 2003, Caps. 1-3, p. 11-14.

<sup>39</sup> Kennedy diz precisamente isso: “O motivo por que tantas pessoas se opõem a essa doutrina [predestinação] é que elas querem um Deus que seja qualquer coisa, menos Deus. Talvez permitam-lhe ser algum psiquiatra cósmico, um pastor prestativo, um líder, um mestre, qualquer coisa, talvez... contanto que Ele não seja Deus. E isso por uma razão muito simples... elas mesmas querem ser Deus. Essa sempre foi a essência do pecado – o fato que o homem pretende ser Deus” (James Kennedy, *Verdades que Transformam*, São Paulo: Editora Fiel, 1981, p. 31).

<sup>40</sup> A.W. Pink, *Deus é Soberano*, Atibaia, SP.: Editora Fiel, 1977, p. 21. Em outro lugar: “Os ídólatras do lado de fora da cristandade fazem ‘deuses’ de madeira e de pedra, enquanto que os milhões de ídólatras que existem dentro da cristandade fabricam um *Deus* extraído de suas mentes carnis. Na realidade, não passam de ateus, pois não existe alternativa possível senão a de um Deus absolutamente supremo, ou nenhum deus” (A.W. Pink, *Os Atributos de*

Deus como o Senhor que reina.<sup>41</sup> A Palavra, por sua vez, nos desafia a aprender com Ela a respeito de Deus. O nosso Deus, entre tantas perfeições, é o Deus soberano; sem este atributo, Deus não seria Deus: “Verdadeiramente reconhecer a soberania de Deus é, portanto, contemplar o próprio Deus soberano”.<sup>42</sup> No entanto, Jó demonstra a dificuldade de nossa compreensão, ao indagar: “*Eis que isto são apenas as orlas dos seus caminhos! Que leve sussurro temos ouvido dele! Mas o trovão do seu poder, quem o entenderá?*” (Jó 26.14).

A liberdade é um dos atributos da soberania. Deus é soberano e, por isso mesmo, é livre na manifestação da Sua graça. Aliás, este conceito é fundamental à idéia bíblica de graça, pois, se a graça não fosse livre, não seria graça; graça que é obrigatória não é graça, é obrigação. Deus tem misericórdia de quem Lhe aprouve (Ex 33.19). “A graça é absolutamente livre de toda a nossa influência, ou então não é graça de modo algum”.<sup>43</sup> Deus nos olha com graça porque assim O decidiu; o homem não pode exercer nenhuma influência sobre isso, todavia, Deus é gracioso para com o homem porque determinou em Si mesmo considerar a necessidade do Seu povo.

Packer, corretamente declarou:

“A graça é livre, no sentido de ser auto-originada e de proceder de Alguém que podia ou não conceder graça. Somente quando se percebe que o que decide o destino do homem é o fato de Deus resolver ou não salvá-lo de seus pecados – sendo esta uma decisão que Ele não é obrigado a tomar em nenhum caso – é que se começa a apreender a idéia bíblica da graça”.<sup>44</sup>

Se Deus, soberana e livremente estabelecesse a Lei como sendo o caminho da graça, a graça continuaria sendo graça; todavia, não haveria salvação para o homem, já que o padrão de Deus é a perfeição. A graça reina livremente justamente por ser soberana! “*A fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor*” (Rm 5.21). “*Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna*” (Ef 2.12).

*Deus*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1985, p. 28). “Defender a crença num ‘poder do alto’ nebuloso é balançar entre o ateísmo e um cristianismo total com suas exigências pessoais” (R.C. Sproul, *Razão para Crer*, São Paulo: Mundo Cristão, 1986, p. 48).

<sup>41</sup> Ver o sermão de Spurgeon sobre Mt 28.15 citado por Pink. A.W. Pink, *Os Atributos de Deus*, p. 32-33.

<sup>42</sup> A.W. Pink, *Deus é Soberano*, p. 138.

<sup>43</sup> A. Booth, *Somente pela Graça*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1986, p.14. Do mesmo modo, Parker: “Se a graça fosse uma obrigação da parte de Deus, já não seria graça. Porém é em Sua divina liberdade que Deus nos mostra sua graça” (T.H.L. Parker, *Gracia*: In: E.F. Harrison, ed. *Diccionario de Teologia*, Grand Rapids, Michigan: T.E.L.L., 1985, p. 254b). Vd. também: [John Gill, “*A Complete Body of Doctrinal and Practical Divinity*,” *The Collected Writings of John Gill*, [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 2000), I.13, p. 196].

<sup>44</sup> J.I. Packer, *O Conhecimento de Deus*, São Paulo: Mundo Cristão, 1980, p. 119.

tuna” (Hb 4.16). (Vejam-se: 1Rs 8.23; Is 55.3; Jr 9.24; Rm 3.24; 9.15-18<sup>45</sup>).<sup>46</sup>

Na prática ninguém evangeliza sem a convicção do soberano poder transformador de Deus. Se não fosse assim, não teria sentido orar pedindo que Deus aplique a Sua Palavra, que transforme aquele coração, que lhe dê discernimento, etc. Assim fazemos, porque sabemos que em primeira e última instância, a salvação pertence a Deus.

A certeza de que Deus é o Senhor da Salvação e, que a Ele pertence o poder para nos salvar conforme o Seu decreto eterno<sup>47</sup> deve nortear e direcionar todo o nosso pensar e agir evangélico.<sup>48</sup> A salvação é uma prerrogativa única e exclusiva de Deus: Ele tem poder e total liberdade para salvar a quem quiser; a Palavra diz que a salvação pertence a Deus (Hb 2.10; 5.9; Tg 4.12; Ap 7.10; 19.1).<sup>49</sup> De fato, Deus é Quem salva conforme o Seu propósito gracioso revelado nas Escrituras Sagradas.

Quando evangelizamos, estamos certos do poder soberano de Deus, que age nos eleitos, criando fé através da Sua Palavra. Contudo, como crerão e invocarão o nome do Senhor, se não conhecerem o Evangelho? (Rm 10.9-15).<sup>50</sup> A Soberania de

<sup>45</sup> “E disse [Salomão]: Ó SENHOR, Deus de Israel, não há Deus como tu, em cima nos céus nem embaixo na terra, como tu que guardas a aliança e a misericórdia a teus servos que de todo o coração andam diante de ti” (1Rs 8.23). “Inclinaí os ouvidos e vinde a mim; ouvi, e a vossa alma viverá; porque convosco farei uma aliança perpétua, que consiste nas fiéis misericórdias prometidas a Davi” (Is 55.3). “Mas o que se gloriar, glorie-se nisto: em me conhecer e saber que eu sou o SENHOR e faço misericórdia, juízo e justiça na terra; porque destas coisas me agrado, diz o SENHOR” (Jr 9.24). “Sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus” (Rm 3.24). “Pois ele diz a Moisés: Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia e compadecer-me-ei de quem me aprouver ter compaixão. Assim, pois, não depende de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia. Porque a Escritura diz a Faraó: Para isto mesmo te levantei, para mostrar em ti o meu poder e para que o meu nome seja anunciado por toda a terra. Logo, tem ele misericórdia de quem quer e também endurece a quem lhe apraz” (Rm 9.15-18).

<sup>46</sup> Vejam-se também, Confissão de Westminster, III.5; IX.4; XV.3; Catecismo Menor, Pergs. 33,34, 35.

<sup>47</sup> Leia: A.W. Pink, Deus é Soberano, p. 24, 49ss.; Idem., Os Atributos de Deus, p. 31-36; Loraine Boettner, La Predestinación, p. 26ss; 259; J. I. Packer, Evangelização e Soberania de Deus, 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1990, p. 11-15; Confissão de Westminster, (1647), IX.3; VI.4; VII.1.

<sup>48</sup> Vd. J.I. Packer, Evangelização e Soberania de Deus, p. 22-23.

<sup>49</sup> “Porque convinha que aquele, por cuja causa e por quem todas as coisas existem, conduzindo muitos filhos à glória, aperfeiçoasse, por meio de sofrimentos, o Autor da salvação deles” (Hb 2.10). “E, tendo sido aperfeiçoado, tornou-se o Autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem” (Hb 5.9). “Um só é Legislador e Juiz, aquele que pode salvar e fazer perecer...” (Tg 4.12). “E clamavam em grande voz, dizendo: Ao nosso Deus, que se assenta no trono, e ao Cordeiro, pertence a salvação” (Ap 7.10). “Depois destas coisas, ouvi no céu uma como grande voz de numerosa multidão, dizendo: Aleluia! A salvação, e a glória, e o poder são do nosso Deus” (Ap 19.1).

<sup>50</sup> “Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação. Porquanto a Escritura diz: Todo aquele que nele crê não será confundido. Pois não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam. Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas!” (Rm 10.9-15).

Deus é uma determinante da evangelização!

J.I. Packer, ressaltando a importância da convicção da Soberania de Deus no ministério evangélico, diz:

“(A) fé fervorosa na soberania absoluta de Deus (...) não somente fortalece a evangelização, como sustenta o evangelista, criando uma esperança de êxito que, de outro modo, não poderia ser realidade; e igualmente nos ensina a ligar a pregação à oração, tornando-nos ousados e confiantes perante os homens, ao mesmo tempo em que nos torna humildes e persistentes perante Deus”.<sup>51</sup> (Vejam-se: Jo 15.5; 16.33; 1Co 15.57-58; Fp 4.13).

#### D) A Responsabilidade Humana:

A aceitação do paradoxo ou antinomia faz parte da própria limitação nossa diante da Revelação de Deus. Reconhecemos a clareza de temas individuais nas Escrituras, mas, ao mesmo tempo, confessamos a nossa incapacidade em relacioná-los de forma perfeita em nossa mente bastante limitada.<sup>52</sup> A Escritura é suficientemente clara, mas, não absolutamente clara em todas as coisas. A própria *Confissão de Westminster* nos instrui: “Na Escritura não são todas as coisas igualmente claras em si, nem do mesmo modo evidentes a todos; contudo, as coisas que precisam ser obedecidas, cridas e observadas para a salvação, em uma ou outra passagem da Escritura são tão claramente expostas e aplicadas, que não só os doutos, mas ainda os indoutos, no devido uso dos meios ordinários, podem alcançar uma suficiente compreensão delas” (I.7).

A Bíblia apresenta verdades antinômicas (verdades que aparentemente se contradizem), sem ter a preocupação de nos explicar a relação entre ambas; e, tanto o crente sem maiores estudos teológicos, como o teólogo,<sup>53</sup> são, cada um à sua maneira, tentados a explicar o que Deus não diz em Sua Palavra. Por isso, tenho afirmado com veemência, que a Teologia não é explicativa, mas sim, descritiva; isto porque se ela explica o que já foi explicado por Deus, está na realidade descrevendo a explicação e, se por outro lado, tenta explicar o que Deus não explicou, está aden-

---

<sup>51</sup> J.I. Packer, *Evangelização e Soberania de Deus*, p. 84-85. Veja-se, também, p. 66-67; 74-75; R.B. Kuiper, *Evangelização Teocêntrica*, p. 50-51.

<sup>52</sup> Esta compreensão é bastante forte no pensamento de Calvino. Vejam-se: Edward A. Dowey, Jr., *The Knowledge of God in Calvin's Theology*, New York: Columbia University Press, 1952, p. 39-40. George comenta: “Com toda sua reputação de teólogo de lógica rigorosa, Calvino preferiu viver com o mistério e a incoerência de lógica a violar os limites da revelação ou imputar culpa ao Deus que as Escrituras retratam como infinitamente sábio, completamente amoroso e absolutamente justo” (Timothy George, *A Teologia dos Reformadores*, São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 209).

<sup>53</sup> Para uma classificação útil a respeito dos níveis de teologia, ver: Stanley J. Grenz & Roger C. Olson, *Quem Precisa de Teologia? Um convite ao estudo sobre Deus e sua relação com o ser humano*, São Paulo: Vida, 2002, especialmente, p. 25-39.

trando aos mistérios de Deus o que, além de ser inútil, visto que nada conseguimos de positivo com isso, é um ato pecaminoso. Então, alguém perguntaria: para que a Teologia? Se ela é apenas descritiva, quem precisa dela? Entendemos que a Teologia, especialmente a conhecida tecnicamente como Teologia Sistemática,<sup>54</sup> se propõe a estudar a verdade bíblica em seu todo, tentando relacionar as partes com o todo e o todo com as suas partes, declarando, assim, de forma mais ou menos sistemática, as doutrinas que não foram criadas por homens, mas sim, reveladas por Deus, do Gênesis ao Apocalipse. Creio que foi neste sentido que escreveu Lloyd-Jones (1899-1981): “O estudo bíblico é de bem pouco valor se termina em si próprio e se é principalmente uma questão de sentido das palavras. O propósito do estudo das Escrituras é chegar à doutrina”.<sup>55</sup>

O fato é que a Escritura nos diz, com cores vivas, que Deus é Senhor de todas as coisas, nada acontecendo sem a Sua prévia permissão consciente (Sl 106.8; Is 40.13-14; Dn 3.17-18; 4.35; Mt 10.29; At 4.27-28; Rm 9.15; 11.34-36; Ef 1.5,11).<sup>56</sup> Por outro lado, também afirma a responsabilidade do homem como ser moral e livre, que prestará contas de seus atos a Deus (Mt 11.20-24; 12.36-37; Jo 3.18; At 13.38-41; Rm 14.10-12; 2Co 5.10; 2Ts 1.7-10; Ap 20.11-13).<sup>57</sup> Calvino (1509-1564), como

<sup>54</sup> Pessoalmente entendo a Teologia como o estudo sistemático da Revelação Especial de Deus conforme registrada nas Escrituras Sagradas tendo como fim último o glorificar a Deus através do Seu conhecimento e obediência à Sua Palavra. Operacionalmente podemos dizer que a Teologia Sistemática é o estudo sistematizado da Revelação Especial de Deus conforme registrada nas Escrituras Sagradas, buscando uma compreensão real e harmônica de “todo o desígnio de Deus” e de suas relações intrínsecas e extrínsecas, realçando a sua relevância para a vida do povo de Deus. Cabe ainda uma palavra explicativa: a nomenclatura “sistemática”, que pode parecer redundante para alguns, é proveniente do verbo grego *sunista/w*, que significa: *organizar, coligar, congregar*. Portanto, a designação de Teologia Sistemática é pertinente visto que ela se propõe a organizar em um sistema unificado os ensinamentos bíblicos.

<sup>55</sup> D.M. Lloyd-Jones, *Por Que Prosperam os Ímpios?*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1983, p. 101.

<sup>56</sup> “Mas ele os salvou por amor do seu nome, para lhes fazer notório o seu poder” (Sl 106.8). “Quem guiou o Espírito do SENHOR? Ou, como seu conselheiro, o ensinou? Com quem tomou ele conselho, para que lhe desse compreensão? Quem o instruiu na vereda do juízo, e lhe ensinou sabedoria, e lhe mostrou o caminho de entendimento?” (Is 40.13-14). “Se o nosso Deus, a quem servimos, quer livrar-nos, ele nos livrará da fornalha de fogo ardente e das tuas mãos, ó rei. Se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses, nem adoraremos a imagem de ouro que levantaste” (Dn 3.17-18). “Todos os moradores da terra são por ele reputados em nada; e, segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes? (Dn 4.35). “Não se vendem dois pardais por um asse? E nenhum deles cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai” (Mt 10.29). “Porque verdadeiramente se ajuntaram nesta cidade contra o teu santo Servo Jesus, ao qual ungiste, Herodes e Pôncio Pilatos, com gentios e gente de Israel, para fazerem tudo o que a tua mão e o teu propósito predeterminaram” (At 4.27-28). “Pois ele diz a Moisés: Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia e compadecer-me-ei de quem me aprouver ter compaixão” (Rm 9.15). “Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro? Ou quem primeiro deu a ele para que lhe venha a ser restituído? Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!” (Rm 11.34-36). “Nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, (...). Nele, digo, no qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” (Ef 1.5,11).

<sup>57</sup> “Passou, então, Jesus a increpar as cidades nas quais ele operara numerosos milagres, pelo fato de não se terem arrependido: Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram, há muito que elas se teriam arrependido com

jurista que era, nos chama a atenção para o fato de que a punição do infrator da lei só pode existir se este tiver liberdade e, por isso, puder ser responsabilizado pelos seus atos.<sup>58</sup> (Rm 1.18-2.16).<sup>59</sup> Agostinho (354-430) revela a sua angústia de forma

*pano de saco e cinza. E, contudo, vos digo: no Dia do Juízo, haverá menos rigor para Tiro e Sidom do que para vós outras. Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura, até ao céu? Descerás até ao inferno; porque, se em Sodoma se tivessem operado os milagres que em ti se fizeram, teria ela permanecido até ao dia de hoje. Digo-vos, porém, que menos rigor haverá, no Dia do Juízo, para com a terra de Sodoma do que para contigo” (Mt 11.20-24). “Digo-vos que de toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no Dia do Juízo; porque, pelas tuas palavras, serás justificado e, pelas tuas palavras, serás condenado” (Mt 12.36-37). “Quem nele crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus” (Jo 3.18). “Tomai, pois, irmãos, conhecimento de que se vos anuncia remissão de pecados por intermédio deste; e, por meio dele, todo o que crê é justificado de todas as coisas das quais vós não pudestes ser justificados pela lei de Moisés. Notai, pois, que não vos sobrevenha o que está dito nos profetas: Vede, ó desprezadores, maravilhai-vos e desvanecei, porque eu realizo, em vossos dias, obra tal que não creeis se alguém vo-la contar” (At 13.38-41). “Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação. Porquanto a Escritura diz: Todo aquele que nele crê não será confundido. Pois não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam” (Rm 14.10-12). “Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo” (2Co 5.10). “E a vós outros, que sois atribulados, alívio juntamente conosco, quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder, quando vier para ser glorificado nos seus santos e ser admirado em todos os que creram, naquele dia (porquanto foi crido entre vós o nosso testemunho)” (2Ts 1.7-10). “Vi um grande trono branco e aquele que nele se assenta, de cuja presença fugiram a terra e o céu, e não se achou lugar para eles. Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então, se abriram livros. Ainda outro livro, o Livro da Vida, foi aberto. E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros. Deu o mar os mortos que nele estavam. A morte e o além entregaram os mortos que neles havia. E foram julgados, um por um, segundo as suas obras” (Ap 20.11-13).*

<sup>58</sup>Vd. J. Calvino, *As Institutas*, I.17.3 e 5.

<sup>59</sup>*“A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça; porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis; porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis. Por isso, Deus entregou tais homens à imundícia, pelas concupiscências de seu próprio coração, para desonrarem o seu corpo entre si; pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Amém! Por causa disso, os entregou Deus a paixões infames; porque até as mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas por outro, contrário à natureza; semelhantemente, os homens também, deixando o contacto natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo, em si mesmos, a merecida punição do seu erro. E, por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem coisas inconvenientes, cheios de toda injustiça, malícia, avareza e maldade; possuídos de inveja, homicídio, contenda, dolo e malignidade; sendo difamadores, caluniadores, aborrecidos de Deus, insolentes, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais, insensatos, pérfidos, sem afeição natural e sem misericórdia. Ora, conhecendo eles a sentença de Deus, de que são passíveis de morte os que tais coisas praticam, não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem. Portanto, és indesculpável, ó homem, quando julgas, quem quer que sejas; porque, no que julgas a outro, a ti mesmo te condenas; pois praticas as próprias coisas que condenas. Bem sabemos que o juízo de Deus é segundo a verdade contra os que praticam tais coisas. Tu, ó homem, que condenas os que praticam*

poética: “A pena me acompanha, porque me deste livre-arbitrio. Se, pois, não me tivésseis dado o livre-arbitrio, e desta forma não me tivesses feito melhor do que os animais, não sofreria justa condenação ao pecar. Então, pelo livre-arbitrio me elevaste, e por justo juízo me derrubaste”.<sup>60</sup>

Temos consciência que os dois postulados são bíblicos e conseqüentemente verdadeiros; só não sabemos explicá-los satisfatoriamente em sua correlação e, segundo creio, nem Deus nos pediu tal tarefa.<sup>61</sup>

Packer coloca a questão nestes termos:

“A antinomia particular que está em vista neste caso é a aparente oposição entre a soberania divina e a responsabilidade humana, ou (expressando o caso de modo mais bíblico) entre o que Deus faz como Rei e o que Ele faz como Juiz. As Escrituras ensinam que, como Rei, Ele ordena e controla todas as coisas, inclusive as ações humanas, de conformidade com Seu próprio propósito eterno (Gn 45.8; 50.20; Pv 16.9; 21.1; Mt 10.29; At 4.27-28; Rm 9.20-21; Ef 1.11, etc). As Escrituras igualmente ensinam que, como Juiz, Ele considera todo homem responsável pelas escolhas que faz, bem como pelos cursos de ação que segue (Mt 25; Rm 2.1-16; Ap 20.11-13, etc). (...) O homem é um agente moral responsável, embora seja *também* divinamente controlado; o homem é divinamente controlado, embora seja *também* um agente moral responsável”.<sup>62</sup>

---

*tais coisas e fazes as mesmas, pensas que te livrarás do juízo de Deus? Ou desprezas a riqueza da sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade Deus é que te conduz ao arrependimento? Mas, segundo a tua dureza e coração impenitente, acumulas contra ti mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus, que retribuirá a cada um segundo o seu procedimento: a vida eterna aos que, perseverando em fazer o bem, procuram glória, honra e incorruptibilidade; mas ira e indignação aos facciosos, que desobedecem à verdade e obedecem à injustiça. Tribulação e angústia virão sobre a alma de qualquer homem que faz o mal, ao judeu primeiro e também ao grego; glória, porém, e honra, e paz a todo aquele que pratica o bem, ao judeu primeiro e também ao grego. Porque para com Deus não há acepção de pessoas. Assim, pois, todos os que pecaram sem lei também sem lei perecerão; e todos os que com lei pecaram mediante lei serão julgados. Porque os simples ouvidores da lei não são justos diante de Deus, mas os que praticam a lei hão de ser justificados. Quando, pois, os gentios, que não têm lei, procedem, por natureza, de conformidade com a lei, não tendo lei, servem eles de lei para si mesmos. Estes mostram a norma da lei gravada no seu coração, testemunhando-lhes também a consciência e os seus pensamentos, mutuamente acusando-se ou defendendo-se, no dia em que Deus, por meio de Cristo Jesus, julgar os segredos dos homens, de conformidade com o meu evangelho” (Rm 1.18-2.16).*

<sup>60</sup> Agostinho, *Comentário aos Salmos*, São Paulo: Paulus, 1997-1998, (Patrística, 9/1-3), [SI (102)101.11], Vol. III, p. 22.

<sup>61</sup> Vd. João Calvino, *As Institutas*, I.18.4.

<sup>62</sup> J.I. Packer, *Evangelização e Soberania de Deus*, 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1990, p.18-19. Para uma visão crítica do emprego do termo “antinomia”, não do conceito teológico sustentado por Packer, ver: R.C. Sproul, *Eleitos de Deus*, São Paulo: Cultura Cristã, 1998, p. 38-40 e Wayne A. Grudem, *Teologia Sistemática*, São Paulo: Vida Nova, 1999, p.18. Veja-se também: K.S. Kantzer, *Paradoxo*: In: Walter A. Elwell, ed. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, São Paulo: Vida Nova, 1998-1990, Vol. III, p. 98-99 e Anthony Hoekema. *Salvos pela Graça*, São Paulo: Cultura Cristã, 1997, p. 11-13.

Diante disso, creio que a atitude correta do cristão sincero, é a confissão da sua ignorância e, concomitantemente a glorificação de Deus, por Ele nos dirigir de forma sábia e soberana e, misteriosamente não anular a nossa vontade-responsabilidade.

Creio também, que uma forma de demonstrarmos a nossa compreensão, gratidão e reverência para com Deus e para com Sua Palavra, é não tentar indevidamente especular sobre estas verdades. O que Deus quis que soubéssemos revelou em Sua Palavra; nada ficou de fora, nada foi demais: Na Palavra temos registrado apenas o que Deus quis que permanecesse; e para nós, isto basta!

Após falar da soberania de Deus na Criação e na eleição, Isaías exclama: “*Verdadeiramente tu és Deus misterioso....*” (Is 45.15). Em outro lugar: “*Não se pode esquadriñar o seu entendimento*” (Is 40.28/Is 55.9; Pv 25.2; Rm 11.33). Nós aceitamos o mistério. Cremos que Deus é Soberano, e que realiza sempre os Seus propósitos. Nada nem ninguém pode impedir-Lhe (Jó 42.2; Sl 33.11; 115.3; 135.6; Dn 4.34,35; Ef 1.11, etc); o homem como ser moral e responsável dará contas de si mesmo a Deus, colhendo de forma obrigatória o que semeou livre e espontaneamente (Rm 14.10-12; 2Co 5.10; Gl 6.7,8). Deus nos tratará conforme de fato somos: agentes morais responsáveis.<sup>63</sup>

## 1) O HOMEM COMO SER RESPONSÁVEL:

O homem foi criado como um ser pessoal que tem consciência e determinação própria. Diferentemente de todos os outros animais, faz a distinção entre o eu, o mundo e Deus; daí a capacidade de se relacionar com Deus (Gn 3.8-14; Jr 29.13; Mt 11.28-30) e com o seu semelhante, podendo entender (racionalmente) a vontade de Deus, fazer-se entender e avaliar todas as coisas (Gn 1.28-30; 2.18,19).

Apesar do pecado ter comprometido, de forma gravíssima todas as suas faculdades originais, o homem não deixou de ser a imagem e semelhança de Deus – visto que isto implicaria em deixar de ser homem. Contudo, ele se tornou uma imagem desfigurada, desfocalizada, mais propriamente uma “caricatura” do Seu Criador. Calvino (1509-1564) escrevendo sobre isso, disse: “Quando de seu estado (original) decaiu Adão, não há a mínima dúvida de que por esta defecção se haja alienado de Deus. Pelo que, embora concedamos não haja sido aniquilada e apagada de todo a imagem de Deus, foi ela, todavia, corrompida a tal ponto que, o que quer que resta, é horrenda deformidade”.<sup>64</sup>

<sup>63</sup> Vejam-se: J.I. Packer, *Evangelização e Soberania de Deus*, p. 20-23; Hermisten M.P. Costa, *Providência de Deus: Governo ou Fatalismo?*, São Paulo, 2006, *passim*.

<sup>64</sup> J. Calvino, *As Institutas*, I.15.4. “É verdade que ao vir a este mundo, trazemos conosco um remanescente da imagem de Deus com a qual Adão foi criado: porém esta mesma imagem está tão desfigurada que estamos repletos de injustiças e em nossas mentes não há senão cegueira e ignorância” [Juan Calvino, *Se Deus fuera nuestro Adversario*: In: *Sermones Sobre Job*, Jenison, Michigan: T.E.L.L., 1988, (Sermon nº 6), p. 86]. Vd. Juan Calvino, *Breve Instrucción Cristiana*, Barcelona: Fundación Editorial de Literatura Reformada, 1966, p. 13; João Calvino, *Efésios*, (Ef 4.24), p. 142. Para uma exposição mais ampla sobre o conceito de Calvino a respeito de *imagem e semelhança*, ver: Hermisten M.P. Costa, *Reflexões Antropológicas – O Conceito de Imagem e Semelhança na Teologia de Calvino* –, São Paulo, 2005.

A Bíblia apresenta o Evangelho como uma mensagem que deve ser anunciada a todos os homens a fim de que eles possam entendê-la e crer. Deus não simplesmente arrasta o pecador para Si sem que ele deseje. Ninguém será salvo a contragosto. Deus não simplesmente nos “nocauteia”;<sup>65</sup> Ele nos convence. O homem precisa desejar a salvação e recebê-la pela fé. Sabemos que a fé é um dom de Deus (Ef 2.8) e é Deus mesmo Quem desperta em nós a consciência de nossa necessidade de salvação e, ao mesmo tempo, a capacitação para crer no Evangelho.<sup>66</sup>

## 2) UMA PROCLAMAÇÃO PODEROSAMENTE SUBMISSA E INTELIGENTE:

A proclamação compete a nós; é uma responsabilidade inalienável e essencial de toda a Igreja.<sup>67</sup> Como temos visto, não compreendemos exaustivamente a relação entre a Soberania de Deus e a responsabilidade humana, contudo, a Bíblia ensina estas duas verdades: Deus é Soberano e o homem é responsável diante de Deus por suas decisões (Rm 1.18-2.16).<sup>68</sup> O nosso confronto com os mistérios da Palavra deve nos conduzir à adoração sincera (Rm 11.33-36).

Em nosso testemunho, procuramos anunciar o Evangelho de forma inteligível, nos dirigindo a seres racionais a fim de que entendam a mensagem e creiam; por isso, ao mesmo tempo em que sabemos que é Deus Quem converte o pecador, devemos usar os recursos de que dispomos – que não contrariem a Palavra de Deus –, para atingir a todos os homens. A nossa proclamação deve ser apaixonada, no sentido de que queremos alertar os homens para a realidade do Evangelho, “persuadindo-os” pelo Espírito, a se arrependem de seus pecados e a se voltarem para Deus. (Vd. Lc 5.10; Rm 11.13-14; 1Co 9.19-23; 2Co 5.11)<sup>69 70</sup>.

<sup>65</sup> Para usar uma expressão de Lloyd-Jones (D.M. Lloyd-Jones, *O Caminho de Deus não o Nosso*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2003, p. 161).

<sup>66</sup> “Ninguém jamais foi convertido ao cristianismo à força. Todo verdadeiro converso volta-se para Cristo porque quer – embora seja certo que este querer é dom de Deus, transmitido a ele por ocasião do seu novo nascimento” (R.B. Kuiper, *Evangelização Teocêntrica*, p. 27).

<sup>67</sup> “A evangelização é a inalienável responsabilidade de toda comunidade cristã, bem como de todo indivíduo crente” (J.I. Packer, *Evangelização e Soberania de Deus*, p. 21).

<sup>68</sup> Vd. J.I. Packer, *Evangelização e Soberania de Deus*, p. 16-27; R.B. Kuiper, *Evangelização Teocêntrica*, p. 27.

<sup>69</sup> “...Disse Jesus a Simão: Não temas; doravante serás pescador de homens” (Lc 5.10). “Dirijo-me a vós outros, que sois gentios! Visto, pois, que eu sou apóstolo dos gentios, glorifico o meu ministério, para ver se, de algum modo, posso incitar à emulação os do meu povo e salvar alguns deles” (Rm 11.13-14). “Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da lei, embora não esteja eu debaixo da lei. Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse, não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para ganhar os que vivem fora do regime da lei. Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns. Tudo faço por causa do evangelho, com o fim de me tornar cooperador com ele” (1Co 9.19-23). “E assim, conhecendo o temor do Senhor, persuadimos os homens e somos cabalmente conhecidos por Deus; e espero que também a vossa consciência nos reconheça” (2Co 5.11).

<sup>70</sup> Vd. J.I. Packer, *Evangelização e Soberania de Deus*, p. 36-37.

O Livro de Atos registra que Paulo por três semanas pregou, conforme seu costume, na sinagoga de Tessalônica. Lucas usa alguns termos muito interessantes para descrever a pregação de Paulo: “Tendo passado por Anfípolis e Apolônia, chegaram a Tessalônica, onde havia uma sinagoga de judeus. Paulo, segundo o seu costume, foi procurá-los e, por três sábados, arrazoou (diale/gomai) com eles acerca das Escrituras, expondo (diano/gw) e demonstrando (parati/qhmi) ter sido necessário que o Cristo padecesse e ressurgisse dentre os mortos; e este, dizia ele, é o Cristo, Jesus, que eu vos anuncio. Alguns deles foram persuadidos (pei/qw) e unidos a Paulo e Silas, bem como numerosa multidão de gregos piedosos e muitas distintas mulheres” (At 17.1-4). Analisemos os verbos usados por Lucas:

a) “Arrazoar” (diale/gomai).<sup>71</sup> No grego clássico a palavra tinha o emprego usual de “conversar” ou “discutir”. (Ver: Mc 9.34). A partir de Sócrates (469-399 a.C.) passou a ser usada com o sentido de persuasão através de perguntas e respostas. Em Aristóteles (384-322 a.C.), tem o sentido de investigação dos fundamentos últimos do conhecimento.<sup>72</sup> Daí o sentido de argumentar, conduzir uma discussão e discursar, envolvendo sempre a idéia de estímulo intelectual através do intercâmbio de idéias.<sup>73</sup> Enfim, envolvia uma argumentação com o fim de persuadir, sendo permitida à congregação fazer perguntas.<sup>74</sup> Paulo, portanto, passou três semanas fazendo perguntas, ouvindo indagações, respondendo, argumentando com respeito ao Antigo Testamento e à Pessoa de Cristo. A pregação do Evangelho envolve raciocínios e argumentos. Lucas registra também que em Corinto: “Todos os sábados [Paulo] discorria (diale/gomai) na sinagoga, persuadindo tanto judeus como gregos” (At 18.4). Este era o método habitual de Paulo. Ele usou do mesmo recurso na sinagoga de Tessalônica (At 17.2);<sup>75</sup> na sinagoga de Atenas e na praça (At 17.17);<sup>76</sup> na sinagoga de Éfeso e na escola de Tirano durante dois anos (At 18.19; 19.8-10),<sup>77</sup> na i-

<sup>71</sup> A palavra tem o sentido de “dissertar” (At 17.17; 19.8; 24.25); “discorrer” (At 18.4; 19.9; Hb 12.5); “pregar” (At 18.19); “exortar” (At 20.7); “discursar” (At 20.9); “discutir” (At 24.12); “disputar” (Jd 9).

<sup>72</sup> Ver: Gottlob Schrenk, diale/gomai: In: Gerhard Kittel & G. Friedrich, eds. *Theological Dictionary of the New Testament*, Vol. II, p. 93.

<sup>73</sup> Cf. A.T. Robertson, “Word Pictures in the New Testament, Volume 3 – Acts,” *The Master Christian Library*, [CD-ROM], Version 8 (Rio, Wi: Ages Software, 2000), in loc.

<sup>74</sup> Cf. D. Fürst, Pensar: In: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, Vol. III, p. 515.

<sup>75</sup> “Paulo, segundo o seu costume, foi procurá-los e, por três sábados, arrazoou com (diale/gomai) eles acerca das Escrituras” (At 17.2).

<sup>76</sup> “Por isso, dissertava (diale/gomai) na sinagoga entre os judeus e os gentios piedosos; também na praça, todos os dias, entre os que se encontravam ali” (At 17.17).

<sup>77</sup> “Chegados a Éfeso, deixou-os ali; ele, porém, entrando na sinagoga, pregava (diale/gomai) aos judeus” (At 18.19). “Durante três meses, Paulo freqüentou a sinagoga, onde falava ousadamente, dissertando (diale/gomai) e persuadindo com respeito ao reino de Deus. Visto que alguns deles se mostravam empedernidos e descrentes, falando mal do Caminho diante da multidão, Paulo, apartando-se deles, separou os discípulos, passando a discorrer (diale/gomai) diariamente na escola de Tirano. Durou isto por espaço de dois anos, dando ensejo a que todos os habitantes da Ásia ouvissem a palavra do Senhor, tanto judeus como gregos” (At 18.8-10).

greja em Trôade (At 20.7,9)<sup>78</sup> e diante de violento Procurador Félix (At 24.25).<sup>79</sup>

b) “*Expor*” (dianoi/gw).<sup>80</sup> “Abrir completamente”. Tem o sentido figurado de “explicar” e “interpretar”. Ou seja: pelo Espírito, a exposição de Paulo tornava a mensagem compreensível, “abria o significado” do texto, evidenciado a sua aplicabilidade ao contexto de seus ouvintes (Cf. Lc 24.31-32).<sup>81</sup> As pessoas poderiam não crer no que foi proclamado; contudo, não poderiam alegar falta de compreensão.

c) “*Demonstrar*” (parati/qhmi).<sup>82</sup> “Colocar ao lado”, “colocar diante de”. Figuradamente tem o sentido de apresentar evidências; ou seja, provar com passagens bíblicas a veracidade de seu argumento. “Citar para provar”, “demonstrar”. Ou seja: Paulo argumentava bíblicamente o que ensinava, demonstrando, por exemplo, o cumprimento das profecias em Cristo e, ao mesmo tempo, confrontava as teses de seus oponentes com textos bíblicos.

d) “*Persuadir*” (pei/qw), que significa convencer despertando a confiança de alguém sobre o quê foi persuadido, “dar crédito” (At 27.11). Lucas também registra que alguns dos judeus e numerosa multidão de gregos – homens e mulheres distintas –, “foram persuadidos (pei/qw) e unidos a Paulo e Silas...” (At 17.4). Paulo esforçava-se por persuadir os seus ouvintes a respeito do Evangelho (At 13.43; 18.4; 19.8,26; 26.28; 28.23-24; 2Co 5.11).<sup>83</sup> “Paulo não procurava dar origem à

<sup>78</sup> “No primeiro dia da semana, estando nós reunidos com o fim de partir o pão, Paulo, que devia seguir viagem no dia imediato, exortava-os (diale/gomai) e prolongou o discurso até à meia-noite. (...) Um jovem, chamado Êutico, que estava sentado numa janela, adormecendo profundamente durante o prolongado discurso (diale/gomai) de Paulo, vencido pelo sono, caiu do terceiro andar abaixo e foi levantado morto” (At 20.7,9).

<sup>79</sup> “Dissertando (diale/gomai) ele acerca da justiça, do domínio próprio e do Juízo vindouro, ficou Félix amedrontado e disse: Por agora, podes retirar-te, e, quando eu tiver vagar, chamar-te-ei” (At 24.25).

<sup>80</sup> A palavra tem o sentido de “expor” (Lc 24.32) e, especialmente, de “abrir”: abrir o ventre (Lc 2.23); abrir o céu (At 7.56). No sentido figurado: abrir os ouvidos (Mc 7.34-35); abrir os olhos para que compreenda (Lc 24.31/Gn 3.5,7); abrir o coração (At 16.14); abrir a mente (Lc 24.45).

<sup>81</sup> Comentando At 16.14, onde a mesma palavra é empregada, Stott escreve: “Percebemos que a mensagem era de Paulo, mas a iniciativa salvadora vinha de Deus. A pregação de Paulo não era efetiva em si mesma; o Senhor operava através dela. E a obra do Senhor não era direta em si; Ele preferiu operar por intermédio da pregação de Paulo. Sempre é assim” [John R.W. Stott, *A Mensagem de Atos: até os confins da Terra*, São Paulo: ABU Editora, 1994, (At 16.13-15), p. 296].

<sup>82</sup> Significa “propor” (Mt 23.24,31); “distribuir” (Mc 6.41; 8.6-7); oferecer (Lc 10.8; 11.6); confiar (Lc 12.48); entregar (Lc 23.46); encomendar (At 14.23; 20.32; 1Pe 4.19); “pôr diante de” (1Co 10.27); “encarregar” (1Tm 1.18); transmitir (2Tm 2.2).

<sup>83</sup> “Despedida a sinagoga, muitos dos judeus e dos prosélitos piedosos seguiram Paulo e Barnabé, e estes, falando-lhes, os persuadiam (pei/qw) a perseverar na graça de Deus” (At 13.43). “E todos os sábados discorria na sinagoga, persuadindo (pei/qw) tanto judeus como gregos” (At 18.4). “Durante três meses, Paulo freqüentou a sinagoga, onde falava ousadamente, dissertando e persuadindo (pei/qw) com respeito ao reino de Deus” (At 19.8). Demétrio insultando o povo: “e estais vendo e ouvindo que não só em Éfeso, mas em quase toda a Ásia, este Paulo tem persuadido (pei/qw) e desencaminhado muita gente, afirmando não serem deuses os que são feitos por mãos humanas” (At 19.26). “Então, Agripa se dirigiu a Paulo e disse: Por pouco me persuades (pei/qw) a me fazer cristão” (At 26.28). “Havendo-lhe eles marcado um dia, vieram em grande número ao encontro de Paulo na sua própria residência. Então, desde a manhã até à tarde, lhes fez uma exposição em testemunho do

fé no Deus único e, sim, persuadir os ouvintes quanto à graça que acabava de ser dada por meio de Cristo”.<sup>84</sup> Seus ouvintes são seriam levados à fé simplesmente pela sabedoria humana. No entanto, devemos estar conscientes que a proclamação não exclui de forma alguma a nossa razão.<sup>85</sup>

Mesmo havendo um tipo de linguagem que propiciava a persuasão, Paulo não se valia deste método. Diz aos coríntios: “A *minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva (pei/qj) de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder*” (1Co 2.4). Há sempre o risco de substituir o poder de Deus pela “técnica”, pela capacidade de convencer os nossos ouvintes. Neste caso, substituiríamos o conteúdo pelo sucesso; a soberania de Deus pelo poder de nossos argumentos.<sup>86</sup> É preciso um cuidado especial neste ponto. Calvino se detém especialmente nesta questão: “Para que possa haver eloquência, devemos estar sempre em alerta a fim de impedir que a sabedoria de Deus venha sofrer degradação por um brilhantismo forçado e corriqueiro”.<sup>87</sup> A eloquência “é um dom muito excelente, mas que, quando se vê divorciado do amor, de nada serve para alguém obter o favor divino”.<sup>88</sup> A questão está em não usar desses

---

*reino de Deus, procurando persuadi-los (pei/qw) a respeito de Jesus, tanto pela lei de Moisés como pelos profetas. Houve alguns que ficaram persuadidos (pei/qw) pelo que ele dizia; outros, porém, continuaram incrédulos*” (At 28.23-24). “E assim, conhecendo o temor do Senhor, persuadimos (pei/qw) os homens e somos cabalmente conhecidos por Deus; e espero que também a vossa consciência nos reconheça” (2Co 5.11).

<sup>84</sup> O. Becker, Fé: In: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, Vol. II, p. 214.

<sup>85</sup> Veja-se o excelente tópico do livro de Stott: John R.W. Stott, *Crer é também Pensar*, São Paulo: ABU., 1984 (2ª impressão), p. 45-51.

<sup>86</sup> Packer desenvolve este tema de forma pertinente:

“Se considerarmos que nossa tarefa consiste não simplesmente em apresentar Cristo, mas realmente em produzir convertidos – evangelizando não apenas fielmente, mas também com sucesso – então nossa maneira de evangelizar tornar-se-á pragmática e calculista. Terminaríamos por concluir que nosso equipamento básico, tanto para tratar pessoalmente como para pregar publicamente, deve ser duplo. Precisaríamos possuir não apenas uma compreensão clara do significado e aplicação do evangelho, mas igualmente uma técnica irresistível capaz de induzir os ouvinte a aceitá-lo. Assim sendo, precisaríamos nos esforçar por experimentar e desenvolver tal técnica. E deveríamos avaliar toda evangelização, tanto a nossa como a de outras pessoas, não pelo critério da mensagem pregada, mas também dos resultados visíveis. E, se nossos próprios esforços não estivessem produzindo frutos, concluiríamos que nossa técnica ainda precisa de melhoramentos. E caso estivessem produzindo fruto, concluiríamos que isso justifica a técnica usada. Se assim fosse, deveríamos considerar a evangelização como uma atividade que envolve uma batalha de vontades entre nós mesmos e aqueles para quem pregamos, uma batalha cuja vitória dependeria de havermos detonado uma barragem suficiente de efeitos calculados. Dessa maneira, nossa filosofia de evangelização tornar-se-ia terrivelmente semelhante à filosofia da lavagem cerebral. E já não poderíamos mais argumentar, quando tal semelhança fosse aceita como fato, que essa não é a concepção certa de que seja evangelizar. Pois seria um conceito apropriado de evangelização, se a produção de convertidos fosse responsabilidade nossa.

“Isso nos mostra o perigo de esquecermos as implicações práticas da soberania de Deus” (J.I. Packer, *Evangelização e Soberania de Deus*, 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1990, p. 22-23).

<sup>87</sup> João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios*, São Paulo: Paracletos, 1996, (1Co 2.13), p. 91.

<sup>88</sup> João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios*, (1Co 13.1), p. 394.

meios como sendo a força do Evangelho, esquecendo-nos de sua simplicidade que é-nos comunicada pelo Espírito: “Não devemos condenar nem rejeitar a classe de eloqüência que não almeja cativar cristãos com um requinte exterior de palavras, nem intoxicar com deleites fúteis, nem fazer cócegas em seus ouvidos com sua suave melodia, nem mergulhar a *Cruz de Cristo* em sua vã ostentação”.<sup>89</sup> “O Espírito de Deus também possui uma eloqüência particularmente sua”.<sup>90</sup> Continua Calvino: “... a eloqüência que está em conformidade com o Espírito de Deus não é bombástica nem ostentosa, como também não produz um forte volume de ruídos que equivalem a nada. Antes, ela é genuína e eficaz, e possui muito mais sinceridade do que refinamento”.<sup>91</sup>

### E) A Suficiência e Eficácia da Obra Sacrificial de Cristo:

Jesus Cristo é a personificação da graça; Ele encarna a graça e a verdade (Jo 1.17; 14.6). Ele é a causa, o conteúdo e a manifestação da graça de Deus; falar de Cristo é falar da graça.

Os profetas do Antigo Testamento falavam de uma salvação futura pela graça (1Pe 1.10).<sup>92</sup> Jesus Cristo, a graça de Deus encarnada, veio na plenitude do tempo (Gl 4.4),<sup>93</sup> na plenitude da graça (2Tm 1.9<sup>94</sup>/Jo 1.16; 1Co 1.4; Ef 1.6,7; 2Tm 2.1). A auto-entrega de Jesus pelos pecados dos pecadores eleitos, foi um dom da graça que, como já vimos, fora profetizada (1Pe 1.10-11/Rm 5.15; Hb 2.9). A pobreza as-

<sup>89</sup> João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios*, (1Co 1.17), p. 55. “Deus quer que sua Igreja seja edificada com base na genuína pregação de sua Palavra, não com base em ficções humanas. (...) Nesta categoria estão questões especulativas que geralmente fornecem mais para ostentação – ou algum louco desejo – do que para a salvação de homens” [João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios*, (1Co 3.12), p. 112]. “A pregação de Cristo é nua e simples; portanto, não deve ela ser ofuscada por um revestimento dissimulante de verbosidade” [João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios*, (1Co 1.17), p. 54]. “[A] fé saudável equivale à fé que não sofreu nenhuma corrupção proveniente de fábulas” [João Calvino, *As Pastorais*, São Paulo: Paracletos, 1998, (Tt 1.14), p. 320]. “Se porventura desejarmos conservar a fé em sua integridade, temos de aprender com toda prudência a refrear nossos sentidos para não nos entregarmos a invencionices estranhas. Pois assim que a pessoa passa a dar atenção às fábulas, ela perde também a integridade de sua fé” [João Calvino, *As Pastorais*, (Tt 1.14), p. 320].

<sup>90</sup> João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios*, (1Co 1.17), p. 56.

<sup>91</sup> João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios*, (1Co 1.17), p. 56. Sobre esta questão, ver: Hermisten M.P. Costa, *A Construção do Pensamento Moderno e a Pregação Bíblica*, São Paulo, 2005.

<sup>92</sup> “Foi a respeito desta salvação que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça a vós outros destinada” (1Pe 1.10).

<sup>93</sup> “Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei” (Gl 4.4).

<sup>94</sup> “Que nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos” (2Tm 1.9).

sumida por Cristo revela a riqueza da Sua graça (2Co 8.9);<sup>95</sup> por isso, Ele, somente Ele nos dá acesso à graça (Hb 4.14-16), convidando-nos: “*Vinde a mim*” (Mt 11.28).

Jesus Cristo se encarnou a fim de que Deus pudesse ser justo, e ao mesmo tempo o justificador daqueles que confiam em Jesus para salvação (Rm 3.26);<sup>96</sup> portanto, para nós que cremos, Ele se tornou justiça, santificação e redenção (1Co 1.30).<sup>97</sup>

Conforme já observamos, a graça de Deus não é barata. Nós muitas vezes nos comportamos como filhos que, amados e agraciados com presentes de seus pais, se esquecem que se aquilo que ganhamos foi “fácil”, “generoso”, sem mérito algum de nossa parte, custou muitas vezes um alto preço para os pais: privação de adquirir um outro bem para si, filas, crediários, juros, economias, etc. A graça de Deus tem um outro lado, que com frequência nos esquecemos: a obra sacrificial de Cristo. É um erro lamentável julgar toda a verdade considerando apenas a parte que nos compete do todo. A graça de Deus se evidencia nas obras da Trindade. O Pacto da Graça, através do qual somos salvos, foi Pacto de Obras para Cristo. A nossa salvação é muito cara, custou o precioso sangue de Cristo (1Pe 1.18-20/At 20.28; 1Co 6.20). Isso longe de apontar para o suposto valor inerente de nossas almas, revela o amor gracioso de Deus que confere valor a nós.

Deus não quebra a Sua justiça por amor; antes, cumpre a justiça em amor; a graça reina pela justiça (Rm 5.21).<sup>98</sup> “De fato a graça reina, mas uma graça reinante à parte da justiça não é apenas inverossímil, mas também inconcebível”.<sup>99</sup>

Abraham Booth (1734-1806) escrevendo sobre este assunto, assim se expressou:

“A graça de Deus está fundamentada na obediência perfeita e meritória de Cristo”.<sup>100</sup>

“Ainda que este perdão seja gratuito para os pecadores, nunca devemos nos esquecer de que Cristo pagou um alto preço por ele. Perdão para a menor das nossas ofensas só se tornou possível porque Cristo cumpriu as mais aflitivas condições – Sua encarnação, Sua perfeita obediência à lei divina e Sua morte na cruz. O perdão que é absolutamente gratuito ao pecador teve um alto custo para o Salvador”.<sup>101</sup>

---

<sup>95</sup> “Pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos” (2Co 8.9).

<sup>96</sup> “Tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus” (Rm 3.26).

<sup>97</sup> “Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção” (1Co 1.30).

<sup>98</sup> “A fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 5.21).

<sup>99</sup> John Murray, *Redenção: Consumada e Aplicada*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1993, p. 19.

<sup>100</sup> A. Booth, *Somente pela Graça*, p. 15.

<sup>101</sup> A. Booth, *Somente pela Graça*, p. 31. Vd. J.I. Packer, *O Conhecimento de Deus*, p. 121.

“A graça de Deus vem a nós não porque Deus revela o fato da Sua lei ser quebrada por nós, mas porque a Sua lei foi plenamente satisfeita pelos atos de justiça que Cristo fez a nosso favor. (...) Ele cumpriu perfeitamente a lei de Deus”.<sup>102</sup>

Somente Jesus Cristo, através da Sua justiça, obtida na Sua encarnação, morte e ressurreição, poderia satisfazer as exigências de Deus para a nossa salvação. Portanto, “Quando Deus justifica pecadores à base da obediência e da morte de Cristo, está agindo com toda equidade. Dessa maneira, longe de comprometer Sua retidão judicial, esse método de justificação em realidade a exhibe”.<sup>103</sup>

A base de nosso perdão é a obra expiatória de Cristo, coroada com a Sua ressurreição (Lc 24.45-47; Rm 4.25; 1Co 15.17; 2Co 5.15).<sup>104</sup> O perdão de nossos pecados ampara-se no sacrifício redimidor de Cristo. O perdão para a “menor” de nossas ofensas custou a Cristo a Sua oferta voluntária em nosso favor, envolvendo todos os Seus sofrimentos e morte na cruz. Sem a obra de Cristo não haveria perdão para nós. As Escrituras insistem neste ponto: “No qual (Jesus) temos a redenção pelo seu sangue, a remissão dos pecados segundo a riqueza da sua graça” (Ef 1.7). “Antes sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Cristo vos perdoou” (Ef 4.32). “Sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus” (Rm 3.24). O perdão concedido por Deus é em nome de Cristo (At 10.43/Cl 1.14/1 Jo 2.12). (Vd. também: Mt 26.28; Jo 1.29; At 5.31; 18.38). “Deus se paga a Si mesmo por Sua misericórdia manifestada em Seu Filho, nosso Salvador Jesus Cristo, que uma vez por todas se ofereceu ao Pai para ser Ele próprio a satisfação que Lhe deveríamos prestar”.<sup>105</sup>

Mesmo no Antigo Testamento, os patriarcas, os profetas e o povo em geral foram perdoados, não porque ofereceram sacrifícios, mas sim, pela fé no Cristo que viria. A obra de Cristo envolve todos os crentes: todos os fiéis do passado, presente e futuro.<sup>106</sup> “A única maneira de alguém ser perdoado, antes de Cristo, depois de

<sup>102</sup> A. Booth, *Somente pela Graça*, p. 56-57.

<sup>103</sup> J.I. Packer, Justificação: In: J.D. Douglas, ed. org. *O Novo Dicionário da Bíblia*, São Paulo: Junta Editorial Cristã, 1966, Vol. II, p. 899b.

<sup>104</sup> “Então, Ihes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras; e Ihes disse: Assim está escrito que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia e que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados a todas as nações, começando de Jerusalém” (Lc 24.45-47). “O qual foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação” (Rm 4.25). “E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados” (1Co 15.17). “E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou” (2Co 5.15).

<sup>105</sup> João Calvino, *As Institutas*, (1541), III.9.

<sup>106</sup> “Quando o Filho de Deus sofreu e morreu, Ele assim expiou os pecados de todos os que o aceitaram ou iriam aceitá-lo por meio de uma fé viva, ou seja, por todos os crentes de ambas as dispensações. Os méritos da cruz estendem-se tanto para trás como para adiante” [W. Hendriksen, *Romanos*, São Paulo: Cultura Cristã, 2001, (Rm 3.25-26), p. 178].

Cristo e em qualquer ocasião, é através de Cristo, e este crucificado".<sup>107</sup> A obra de Cristo envolve todo o Seu povo, ninguém ficará de fora nem jamais houve ou haverá redenção fora do sacrifício único e vicário de Cristo: a obra de Cristo é completa e suficiente "... Em cada época, desde o princípio, houve pecados que necessitavam de expiação. Portanto, a menos que o sacrifício de Cristo fosse eficaz, nenhum dos [antigos] pais haveria obtido a salvação. Visto que se achavam sujeitos à ira divina, qualquer remédio para livrá-los teria resultado em nada, se Cristo, ao sofrer uma vez por todas, não sofresse o suficiente para reconciliar os homens com a graça de Deus, desde o princípio do mundo e até ao fim. A não ser que desejemos muitas mortes, contentemo-nos com um só sacrifício. (...) Não está no poder do homem inventar sacrifícios como lhe apraz. Eis aqui uma verdade expressa pelo Espírito Santo, a saber: que os pecados não são expiados por um sacrifício, a menos que haja derramamento de sangue. Por conseguinte, a idéia de que Cristo é sacrificado muitas vezes não passa de uma invenção diabólica".<sup>108</sup>

8.32/2Co 5.21 ressuscitou; portanto, toda a proclamação tem sentido; sem a ressurreição, não haveria boa nova, não haveria evangelho nem atos salvadores de Deus para serem anunciados.

## F) O Propósito de Deus em Salvar o Seu Povo:

O anúncio da salvação feito pela igreja só tem sentido se: 1) De fato houver pessoas necessitando serem salvas; 2) Houver de fato a possibilidade de salvá-las. Obviamente estas duas premissas não esgotam a questão; contudo, são essenciais. Como vimos, com o pecado de todo o ser humano, todos passaram a necessitar da salvação. Vimos também que a obra de Cristo foi completa; Ele satisfaz plenamente as santas e justas exigências do Pai, pagando todas as nossas dívidas. Assim, de fato, há salvação para todos aqueles que crêem em Cristo.

A igreja não pode salvar nem outorgar salvação a ninguém, sendo ela mesma a beneficiária desta graça. Todavia, cabe à igreja a gloriosa tarefa de proclamar esta

---

<sup>107</sup> D. Martyn Lloyd-Jones, *Estudos no Sermão do Monte*, São Paulo: FIEL., 1984, p. 359. "Ninguém pode dizer, nem por um momento, que pessoas como Davi, Abraão, Isaque e Jacó não foram perdoadas. Mas não o foram por causa daqueles sacrifícios que ofereceram. Eles foram perdoados porque olhavam para Cristo. Não percebiam isso claramente, mas criam no ensinamento e faziam essas ofertas pela fé. Criam na Palavra de Deus, que Ele um dia no porvir, proveria um sacrifício, e pela fé se mantiveram firmes nisso. Foi a fé em Cristo que os salvou, exatamente como é a fé em Cristo que salva agora" (D.M. Lloyd-Jones, *A Cruz: A Justificação de Deus*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, (s.d.), p. 9-10).

<sup>108</sup> João Calvino, *Exposição de Hebreus*, São Paulo: Paracletos, 1997, (Hb 9.26), p. 245-246. "A razão pela qual Deus ordenara que se oferecessem vítimas como expressão de ações de graça foi, como é bem notório, para ensinar ao povo que seus louvores eram contaminados pelo pecado, e que necessitavam de ser santificados exteriormente. Por mais que propo-nhamos a nós mesmos louvar o nome de Deus, outra coisa não fazemos senão profaná-lo com nossos lábios impuros, não houvera Cristo se oferecido em sacrifício com o propósito de santificar a nós e às nossas atividades sagradas [Hb 10.7]. É através dele, como aprendemos do apóstolo, que nossos louvores são aceitos" [João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Edições Paracletos, 1999, Vol. 2, (Sl 66.15), p. 631].

mensagem da qual ela mesma é uma testemunha a partir de sua própria existência: a igreja é o que é pela graça salvadora de Deus. Portanto, Deus não tornou a salvação uma mera possibilidade – que poderia ser realizada ou não –. Ele a fez um fato real conforme o Seu Plano eterno, através dos atos salvadores da Trindade.<sup>109</sup>

John Owen (1616-1683), diz:

“Se Cristo apenas tivesse obtido os benefícios e não pudesse dá-los, então Sua morte talvez não salvasse ninguém. (...) Se uma coisa é obtida para mim, certamente deve ser minha por direito, e tudo o que for meu por direito, há de ser meu de fato. Portanto, a salvação que Cristo obteve há de pertencer àqueles para os quais Ele a obteve. Se é dito: ‘sim, mas é deles sob condição de crerem’, eu repito novamente: ‘mas a fé também é dada por Deus’.”.<sup>110</sup>

Jesus Cristo veio para obter a salvação definitiva para o Seu povo (Mt 1.21; Jo 3.16; 2Co 5.21; Gl 1.4; 1Tm 1.15; Hb 2.14-15). Ele de fato cumpriu o Seu propósito (Jo 10.27-28; Cl 1.21-22; Hb 1.3; 9.12-14; 1Pe 2.24; Ap 5.9-10).<sup>111</sup> A Igreja evangeliza amparada nesta certeza: Deus salvará a todos aqueles que crerem em Jesus Cristo, recebendo-O como Seu Senhor e Salvador. Deus salvará todo o Seu povo. A salvação é uma prerrogativa exclusiva do Deus Trino.

## G) O Ministério Eficaz do Espírito Santo:

“É somente sob a direção do Espírito que tomamos posse de Cristo e de todos os seus benefícios”.<sup>112</sup> O Espírito é chamado de “*Espírito da Graça*” (Hb 10.29/Zc 12.10),<sup>113</sup> porque é Ele Quem aplica a graça de Deus aos pecadores eleitos, conduzindo-os progressivamente à conformação da imagem de Cristo. O Espírito é “comunicador da graça”.<sup>114</sup> Este ministério tem início, quando o Espírito nos leva a aceitar a mensagem de perdão dos nossos pecados. O Espírito anuncia que chegou o tempo da salvação, o qual é caracterizado pelo perdão para todos aqueles

<sup>109</sup> Vd. R.B. Kuiper, *Evangelização Teocêntrica*, p. 7-14; *Idem.*, *El Cuerpo Glorioso de Cristo*, Grand Rapids, Michigan, SLC., 1985, p. 169-175; A.W. Pink, *Deus é Soberano*, p. 49ss., especialmente, p. 75-76; J. Owen, *Por Quem Cristo Morreu?*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1986, p. 19-22.

<sup>110</sup> John Owen, *Por Quem Cristo Morreu?*, p. 33. J.I. Packer, observa: “Cristo não obteve uma salvação hipotética para crentes hipotéticos, uma mera possibilidade de salvação para qualquer indivíduo que quisesse crer. Antes proveu uma salvação real para todo o seu povo escolhido” (*O “Antigo” Evangelho*, São Paulo: Fiel, 1986, p. 16). Vd. *Confissão de Westminster*, X.1e *Catecismo Maior de Westminster*, Questões: 67 e 68.

<sup>111</sup> Vd. John Owen, *Por Quem Cristo Morreu?*, p. 29-32. .

<sup>112</sup> João Calvino, *Exposição de 2 Coríntios*, São Paulo: Paracletos, 1995, (2Co 13.13), p. 271.

<sup>113</sup> Vd. Hermisten M.P. Costa, *A Pessoa e Obra do Espírito Santo*, São Paulo: 2006, p. 65ss.; A.W. Pink, *Os Atributos de Deus*, p. 74.

<sup>114</sup> A.W. Pink, *Os Atributos de Deus*, p. 74.

que se arrependem de seus pecados.

Sem as obras da Trindade, jamais seríamos salvos pela graça. A graça de Deus, que é personificada em Cristo, é apenas um lado das obras redentoras do Deus Triúno. Toda a Trindade está comprometida na salvação do Seu povo, tendo cada uma das Pessoas da Santíssima Trindade, conforme o Conselho trinitário, um papel fundamental.

A obra do Espírito é distinta da obra do Pai e do Filho, porém, não é independente. A Trindade opera conjuntamente, tendo o mesmo propósito eterno: a glória do próprio Deus através da salvação do Seu povo (Is 43.7/Ef 1.6; 1Pe 2.9,10).<sup>115</sup> A Teologia Reformada, fiel aos ensinamentos das Escrituras, ensina esta verdade. J. I. Packer, comentando este ponto, disse:

“Deus – O Jeová Triúno, Pai, Filho e Espírito Santo; três pessoas trabalhando em conjunto, em sabedoria, poder e amor soberanos, a fim de realizar a salvação de um povo escolhido. O Pai escolhendo, o Filho cumprindo a vontade do Pai de remir, o Espírito executando o propósito do Pai e do Filho mediante a renovação do homem”.<sup>116</sup>

É precisamente isto que estamos dizendo, quando declaramos que a nossa salvação é por Deus: O Deus Triúno é o Autor e o executor da nossa salvação; do princípio ao fim, a salvação é obra do Deus da graça. Paulo estimulando os filipenses, inspirado por Deus, fala de sua convicção inabalável: “*Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus*” (Fp 1.6).<sup>117</sup>

A Obra do Espírito torna efetivo em nós aquilo que Cristo realizou definitivamente por nós. Podemos afirmar, que sem as operações do Espírito, o Ministério Sacrificial de Cristo não teria valor objetivo para os homens, visto que os méritos redentores e salvadores de Cristo não seriam comunicados aos pecadores. Calvino (1509-1564)

<sup>115</sup> Vd. Sinclair B. Ferguson, *O Espírito Santo*, p. 54.

<sup>116</sup> J.I. Packer, *O “Antigo” Evangelho*, São Paulo: Fiel, 1986, p. 9. (Ver também: Abraham Kuiper, *The Work of the Holy Spirit*, p. 18-22; R.B. Kuiper, *Evangelização Teocêntrica*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1976, p. 7-14; *Idem.*, *El Cuerpo Glorioso de Cristo*, Grand Rapids, Michigan: SLC., 1985, p. 169-175; A.W. Pink, *Deus é Soberano*, São Paulo: Fiel, 1977, p. 49ss., especialmente, p. 75-76; J. Owen, *Por Quem Cristo Morreu?*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1986, p. 19-22; Loraine Boettner, *Studies in Theology*, p. 117-118).

<sup>117</sup> “A graça começa, continua e termina a obra da salvação no coração de uma pessoa.” (C.H. Spurgeon, *Sermões Sobre a Salvação*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1992, p. 45). “... Em sua inteireza a nossa salvação procede do Senhor. É sua realização. Ele mesmo apresenta Sua noiva a Si mesmo por que ninguém mais pode fazê-lo, ninguém mais é competente para fazê-lo. Somente Ele pode fazê-lo. Ele fez tudo por nós, do princípio ao fim, e concluirá a obra apresentando-nos a Si mesmo com toda esta glória aqui descrita.” [D.M. Lloyd-Jones, *Vida No Espírito: No Casamento, no Lar e no Trabalho*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1991, (Ef 5.27), p. 137]. Do mesmo modo acentua Murray: “A salvação é do Senhor, tanto em sua aplicação como em sua concepção e realização.” (John Murray, *Redenção: Consumada e Aplicada*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1993, p. 98). Vejam-se, R.B. Kuiper, *El Cuerpo Glorioso de Cristo*, Michigan: Subcomision Literatura Cristiana de la Iglesia Cristiana Reformada, 1985, p. 169ss; 177ss.; C.H. Spurgeon, *Sermões Sobre a Salvação*, p. 12ss

afirmou corretamente, que é necessário que Cristo habite em nós para que compartilhe conosco o que recebeu do Pai. Ele conclui dizendo que: “O Espírito Santo é o elo pelo qual Cristo nos vincula efetivamente a Si”.<sup>118</sup> Em outro lugar declara: “Sabemos que nosso bem, nossa alegria e repouso é estar unido ao Filho de Deus”.<sup>119</sup>

Cristo cumpriu perfeitamente as demandas da Lei e adquiriu todas as bênçãos que envolvem a salvação. A Obra do Espírito consiste em aplicar os merecimentos de Cristo aos pecadores, capacitando-os a receberem a Graça da salvação.<sup>120</sup> Somente através do Espírito “recebemos todos os bens e dons que nos são dados em Jesus Cristo”.<sup>121</sup> É Ele quem derrama sobre nós, as bênçãos da graça, obtidas pela obra eficaz de Cristo. Desta forma, podemos dizer que o Ministério soteriológico do Espírito se baseia nos feitos de Cristo e, que o Ministério Sacrificial de Cristo reclama a ação do Espírito (Jo 7.39/Jo 14.26; 16.13-14).<sup>122</sup> “A obra do Espírito na aplicação da redenção de Cristo é descrita como tão essencial quanto a própria redenção”.<sup>123</sup> “A condição prévia indispensável para a outorga do Espírito é a obra de Cristo”.<sup>124</sup>

A Palavra nos ensina que o Espírito Santo é o Espírito de Cristo (Gl 4.6; Fp 1.19);<sup>125</sup> por isso, a presença do Espírito em nós, é a presença do Filho (Rm 8.9).<sup>126</sup> Quando evangelizamos, o fazemos, confiantes de que Deus, pelo Espírito, aplicará os méritos de Cristo no coração do Seu povo. Portanto, aí está a nossa responsabilidade e o nosso conforto, conforme bem observou Billy Graham:

“O Espírito Santo é o grande comunicador do Evangelho, usando como instrumento pessoas comuns como nós. Mas é dele a obra. Assim, quando

---

<sup>118</sup> João Calvino, *As Institutas*, III.1.1.

<sup>119</sup> Juan Calvino, *Sermones Sobre La Obra Salvadora De Cristo*, Jenison, Michigan: T.E.L.L. 1988, *Sermon nº 2*, p. 23.

<sup>120</sup> “De fato a graça reina, mas uma graça reinante à parte da justiça não é apenas inverossímil, mas também inconcebível” (John Murray, *Redenção: Consumada e Aplicada*, p. 19).

<sup>121</sup> *Catecismo de Genebra*, (1541/2), Perg. 91. (Vd. Hermisten M.P. Costa, *A Graça de Deus: Comum ou Exclusiva?*, São Paulo: 2000).

<sup>122</sup> “Isto ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nele cressem; pois o Espírito até aquele momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado” (Jo 7.39). “Mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito” (Jo 14.26). “Quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir. Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar” (Jo 16.13-14).

<sup>123</sup> Charles Hodge, *Teologia Sistemática*, p. 390.

<sup>124</sup> Frederick D. Bruner, *Teologia do Espírito Santo*, p. 179.

<sup>125</sup> “E, porque vós sois filhos, enviou Deus ao nosso coração o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai!” (Gl 4.6). “Porque estou certo de que isto mesmo, pela vossa súplica e pela provisão do Espírito de Jesus Cristo, me redundará em libertação” (Fp 1.19).

<sup>126</sup> “Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se, de fato, o Espírito de Deus habita em vós. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele” (Rm 8.9)

o Evangelho é fielmente proclamado, o Espírito Santo é quem o envia como dardo flamejante aos corações dos que foram preparados”.<sup>127</sup>

Portanto, desprezar esta doutrina bíblica equivaleria a perder o significado do Evangelho,<sup>128</sup> sustentando uma fé indefinida e por isso mesmo superficial, não condzente com a plenitude da revelação bíblica.

Lembremo-nos: *“Todo aquele que ultrapassa a doutrina de Cristo e nela não permanece, não tem Deus; o que permanece na doutrina, esse tem assim o Pai, como o Filho”* (2Jo 9).

## H) O Anseio pelo regresso de Cristo:

A Igreja evangeliza porque ela anseia pelo regresso triunfante de Cristo. Desta forma, a evangelização tem em seu conteúdo uma conotação escatológica.

Pedro nos diz: *“Esperando e apressando a vinda do dia de Deus, por causa do qual os céus incendiados serão desfeitos e os elementos abrasados se derreterão”* (2Pe 3.12). A idéia aqui expressa, não é a de que possamos modificar o dia do regresso de Cristo. A palavra traduzida por “apressar” (*speu/dw*),<sup>129</sup> indica um desejo intenso pelo que virá, envolvendo a idéia de diligenciar com zelo, solicitude, urgenciar, etc. Ela revela uma pressa prazerosa daquilo que terá de ocorrer.<sup>130</sup> Não significa também, uma simples pressa para que aconteça de uma vez aquilo que terá de acontecer, como por exemplo, no caso de alguém que diz: “Já que tenho de ser operado mesmo, vou logo”; ou, “se tenho que ir mesmo, vou de uma vez...”. A idéia aqui é totalmente diferente; denota uma urgência prazerosa de que Cristo venha.

A Igreja mesmo sem poder alterar o dia da Vinda de Jesus – e devemos dar graças a Deus por isso –, faz parte do cronograma relativo ao regresso glorioso e triunfante de Cristo. Somos intimados a levar adiante os eventos que devem ocorrer antes do dia de Deus. Neste sentido, a evangelização faz parte desse cronograma. A

---

<sup>127</sup> Billy Graham, Por que Lausanne?: In: *A Missão da Igreja no Mundo de Hoje*, São Paulo/Belo Horizonte, MG.: ABU/Visão Mundial, 1982, p. 30. A consciência de que os “resultados” da Evangelização dependem do Deus soberano, traz como implicação a nossa ousada confiança em Deus, não em nosso métodos. Packer analisou bem este ponto, fazendo aplicações complementares: “Se esquecermos que a prerrogativa de Deus é produzir resultados quando o evangelho é pregado, acabaremos pensando que é nossa responsabilidade assegurá-los. E, se nos esquecermos de que somente Deus pode infundir fé, acabaremos pensando que a conversão, em última análise, depende não de Deus, mas de nós, e que o fator decisivo é a maneira como evangelizamos. E essa linha de pensamento, coerentemente seguida, nos fará desviar em muito.” (J.I. Packer, *Evangelização e Soberania de Deus*, 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1990, p. 22).

<sup>128</sup> Ver: Albertus Pieters, *Fundamentos da Doutrina Cristã*, São Paulo: Vida Nova, 1979, p. 179-180.

<sup>129</sup> O verbo “*speu/dw*” ocorre 6 vezes no Novo Testamento, a saber: Lc 2.16; 19.5,6; At 20.16; 22.18; 2Pe 3.12.

<sup>130</sup> A única possível exceção está em At 22.18; todavia, talvez possamos interpretar o texto, entendendo o prazer de Deus em preservar a vida de Saulo, que seria o Seu instrumento especial na proclamação do Evangelho (Cf. At 9.15).

expansão missionária, além da obediência à ordem de Cristo, deve refletir em cada coração, o desejo de que Cristo venha. Evangelizar é uma das formas práticas de dizer: “Venha o Teu Reino”. (Vd. Mt 28.19/Mt 24.14).<sup>131</sup>

Anthony A. Hoekema (1913-1988) observou que: “O período entre a primeira e a segunda vinda de Cristo é a era missionária por excelência. Este é o tempo da graça, um tempo em que Deus convida e insta com todos os homens para serem salvos”.<sup>132</sup>

## I) Glorificar a Deus:

### 1) A GLÓRIA DE DEUS NA SALVAÇÃO DOS SEUS:

Vimos no tópico anterior que Deus chama o Seu povo através dos Seus filhos. De fato; este é o método de Deus. Quando a igreja cumpre assim a Sua missão, sendo coerente com a sua natureza, Deus é glorificado, visto que o objetivo final da nossa eleição – bem como o de todas as coisas –, é a Glória de Deus (Ef 1.4-6,12-14; 2.6,7; Rm 9.22-23/Is 43.7)<sup>133</sup>.<sup>134</sup> Deus nos elegeu para sermos o instrumento de Seu louvor. Na eleição resplandece a gloriosa graça de Deus em atos de bondade para conosco. A conclusão de nossa salvação revelará a glória da graça

<sup>131</sup> “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mt 28.19). “E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim” (Mt 24.14).

<sup>132</sup> A.A. Hoekema, *A Bíblia e o Futuro*, São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1989, p. 187.

<sup>133</sup> <sup>4</sup> assim como nos escolheu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor

<sup>5</sup> nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade,

<sup>6</sup> para louvor da glória (do/ca) de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado,

<sup>12</sup> a fim de sermos para louvor da sua glória (do/ca), nós, os que de antemão esperamos em Cristo;

<sup>13</sup> em quem também vós, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, tendo nele também crido, fostes selados com o Santo Espírito da promessa;

<sup>14</sup> o qual é o penhor da nossa herança, até ao resgate da sua propriedade, em louvor da sua glória (do/ca) (Ef 1.4-6,12-14).

“E, juntamente com ele, nos ressuscitou, e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus; para mostrar, nos séculos vindouros, a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus” (Ef 2.6,7). “Que diremos, pois, se Deus, querendo mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição, a fim de que também desse a conhecer as riquezas da sua glória (do/ca) em vasos de misericórdia, que para glória (do/ca) preparou de antemão” (Rm 9.22-23). “A todos os que são chamados pelo meu nome, e os que criei para minha glória [(כבוד) (kâbôd)], (LXX: do/ca) e que formei, e fiz” (Is 43.7).

<sup>134</sup> Vd. *Catecismo de Genebra*, Pergs. 1-2: In: *Catecismos de la Iglesia Reformada*, Buenos Aires: La Aurora, 1962, p. 29; *Catecismo Menor de Westminster*, Perguntas: 1,7,46,47,101; J. Calvino, *Exposição de Romanos*, (Rm 9.23), p. 343-344; J. Calvino, *As Institutas*, III.23.8; III.24.14; Archibald A. Hodge, *Confissão de Fé Westminster Comentada por A.A. Hodge*, São Paulo: Editora os Puritanos, 1999, p. 96. Hodge: “A causa final de todos os propósitos de Deus é Sua própria glória” (Ap 4.11; Nm 14.21; Is 48.11; Ez 20.9). (Charles Hodge, *Systematic Theology*, Vol. I, p. 535).

salvadora de Deus (Ef 1.6,11,12,13,14,16): “O objetivo final da eleição não será atingido até que Deus, tendo operado a salvação dos eleitos - e tendo-os levado para a glória - seja, deste modo, glorificado plenamente em Si Mesmo”.<sup>135</sup> Aqui temos o nosso horizonte espiritual ampliado: “a coisa principal não é que os eleitos sejam salvos, mas *que Deus seja justificado em todas as suas obras* e glorificado no juízo”.<sup>136</sup> A glória de Deus, portanto, que é a beleza harmoniosa de Suas perfeições, é realçada por meio da nossa salvação e santificação em Cristo Jesus. Deus manifesta a Sua Glória através dos eleitos que compõem a Sua Igreja. Ele mesmo, “nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado” (Ef 1.5-6).<sup>137</sup>

Como igreja, seremos o troféu de Cristo por toda a eternidade; somos o resultado de Sua obra salvadora; por isso, quando Ele vier, será glorificado em nós (Ef 1.5,6; 2.7/Jo 17.10; 2Ts 1,10,12). “Na eternidade, olharemos para nós mesmos e diremos: ‘Eis aqui a prova de que Deus é bondoso – Ele me salvou!’ Seremos os troféus na galeria dos troféus de Deus”.<sup>138</sup>

Alguém poderia perguntar: por que a Glória de Deus como alvo de todas as coisas? A resposta bíblica é simples e majestosa: porque não há nada maior do que Ela.<sup>139</sup> Portanto, não procurar a Sua Glória, significaria a autonegação de que Ele é o Senhor da Glória.<sup>140</sup>

## 2) O OBJETIVO FINAL DA VIDA HUMANA:

No *Catecismo de Genebra* (1541/2), nas primeiras duas perguntas, lemos:

<sup>135</sup> Fred H. Klooster, *A Doutrina da Predestinação em Calvino*, Santa Bárbara D’Oeste, SP.: SOCEP., 1992, p. 29. “A idéia geral expressa [Jó 17.1] é que o nosso Senhor está desejoso de que a glória de Deus seja manifestada, e manifestada especialmente na salvação dos homens” [D.M Lloyd-Jones, *Salvos desde a Eternidade*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2005 (Certeza Espiritual: Vol. 1), p. 42].

<sup>136</sup> Abraham Kuyper, *The Work of the Holy Spirit*, Chattanooga: AMG. Publishers, 1995, p. 10.

<sup>137</sup> Vejam-se também: *Confissão de Westminster*, III.3,5,7; V.1; XXXIII.2; *Catecismo Maior*, Pergs. 12 e 18; *Catecismo Menor*, Perg. 7.

<sup>138</sup> Tom Wells, *Fé: Dom de Deus*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1985, p. 100. John MacArthur Jr. usa figura semelhante em seu instrutivo e desafiador livro: *Chaves para o Crescimento Espiritual*, 2ª ed. São José dos Campos, SP.: FIEL, 1986, p. 47.

<sup>139</sup> “Sendo Deus mesmo infinitamente mais digno do que a soma de todas as criaturas, segue-se que a manifestação da sua própria excelência é fim infinitamente mais digno e exaltado do que o seria a felicidade das criaturas; seria realmente o fim o mais exaltado e digno que nos é possível imaginar” (A.A. Hodge, *Esboços de Theologia*, p. 223). Vejam-se também: J.I. Packer, *O Plano de Deus*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, (s.d.), p. 16; (John F. MacArthur, Jr. *Chaves para o Crescimento Espiritual*, 2ª ed. São José dos Campos, SP.: Fiel, 1986, p. 15-50.

<sup>140</sup> Vd. Hermisten M.P. Costa, *Providência de Deus: Governo ou Fatalismo?*, São Paulo, 2006.

“Mestre: Qual é o fim principal da vida humana?

Discípulo: Conhecer os homens a Deus Seu Criador”.

“Mestre: Por que razão chamais este o principal fim?

Discípulo: Porque nos criou Deus e pôs neste mundo para ser glorificado em nós. E é coisa justa que nossa vida, da qual Ele é o começo, seja dedicada à Sua glória”.<sup>141</sup>

Em outro lugar, Calvino afirma: “A glória de Deus é a finalidade mais elevada, à qual a nossa santificação está subordinada”.<sup>142</sup>

Desta forma, o homem como criatura de Deus só se realiza quando vive para a glória de Deus, que é também, o seu fim último (2Co 5.8; Gl 2.20; Fp 1.21,23).<sup>143</sup> O *Catecismo Menor de Westminster*, à pergunta nº 1, “Qual é o fim principal do homem?”, responde: “O fim principal do homem é glorificar a Deus, e gozá-lo para sempre” (Ver: Is 43.7; 60.21; 61.3; Rm 11.36; 14.7-8; 1Co 10.31; Ef 1.5-6).

Portanto, a nossa vida deve ter como propósito último, glorificar a Deus: “A glória de Deus deve resplandecer sempre e nitidamente em todos os dons com os quais porventura Deus se agrada em abençoar-nos e em adornar-nos. De sorte que podemos considerar-nos ricos e felizes nele, e em nenhuma outra fonte”.<sup>144</sup>

A felicidade do homem está condicionada ao Seu genuíno conhecimento de Deus; ela está subordinada à Glória de Deus. Só obtemos uma visão adequada dos objetivos secundários quando conseguimos enxergar corretamente o fim principal. O homem só descobre o sentido da vida e da eternidade, quando, pelo Espírito, consegue compreender que o fim principal de todas as coisas é a Glória de Deus e, então passa a viver para este fim (1Co 10.31; Cl 3.23).<sup>145</sup> Calvino, então, aconselha: “Não busquemos nossos próprios interesses, mas antes aquilo que compraz

---

<sup>141</sup> John Calvin, *Catechism of the Church of Geneva*, perguntas 1 e 2. In: John Calvin, *Tracts and Treatises on the Doctrine and Worship of the Church*, Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1958, Vol. II, p. 37.

<sup>142</sup> João Calvino, *Efésios*, (Ef 1.4), p. 25. “Ora, a vida eterna e imortal só pode ser encontrada em Deus. Portanto, é necessário que a principal preocupação e solicitude de nossa vida seja buscar a Deus, aspirá-lo com toda a afeição de nosso coração e descansar nele somente” (João Calvino, *Instrução na Fé*, Goiânia, GO: Logos Editora, 2003, Cap. 1, p. 11).

<sup>143</sup> “Entretanto, estamos em plena confiança, preferindo deixar o corpo e habitar com o Senhor” (2Co 5.8). “Logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim” (Gl 2.20). “Porquanto, para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro. Ora, de um e outro lado, estou constrangido, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor” (Fp 1.21,23).

<sup>144</sup> João Calvino, *O Livro dos Salmos*, (Sl 48.3), p. 356. “O propósito geral da minha salvação e da sua é que nós glorifiquemos o Pai. (...) O alvo, o objetivo supremo da nossa salvação é que glorifiquemos a Deus” [D.M Lloyd-Jones, *Salvos desde a Eternidade*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2005 (Certeza Espiritual: Vol. 1), p. 47,48].

<sup>145</sup> Vd. Charles Hodge, *Systematic Theology*, Vol. I, p. 535-537

ao Senhor e contribui para promover sua glória”.<sup>146</sup>

Comentando o Salmo 69.9, fala com a veemência própria de quem vivia este princípio:

“A forma como ele [Davi] fazia isso, ele mostra que era através do zelo pela Igreja de Deus com que sua alma se inflamava. Não só assinalava a causa dos maus tratos que recebia – seu zelo pela casa de Deus –, mas também declara que, qualquer que fosse o tratamento de que imerecidamente fosse alvo, todavia, por assim dizer, esquecendo-se de si mesmo, ele arderia de santo zelo para manter a Igreja, e ao mesmo tempo a glória de Deus, com a qual vive em comunhão indestrutível. [...]

“Davi ignorou a si próprio, e que toda a tristeza que sentia era procedente do santo zelo com que ardia quando via o sacro nome de Deus insultado e ultrajado com horríveis blasfêmias. [...]

“Até que tenhamos aprendido a dar pouco valor a nossa reputação pessoal, jamais seremos inflamados com genuíno zelo em contender pela preservação e avanço dos interesses da glória divina [...]

“Visto que Cristo, em quem resplandece toda a majestade da Deidade, não hesitou a expor-se a todo gênero de afronta para a manutenção da glória de seu Pai, quão vil e ignominioso será se nos reduzirmos a semelhante sorte”.<sup>147</sup>

### 3) A IGREJA COMO EXPRESSÃO E AGENTE DA GLÓRIA DE DEUS:

“A glória do Senhor deve permanecer inalterada em toda e qualquer parte”.<sup>148</sup> Deus criou todas as coisas, inclusive a Igreja, para a Sua Glória. “Glória é excelência manifestada. A excelência dos atributos de Deus é manifestada por sua operação”.<sup>149</sup> A glória de Deus não lhe é atribuída, acrescentada, diminuída ou mesmo esgotada em sua complexidade;<sup>150</sup> é-Lhe totalmente intrínseca. Ele é o Rei, o Senhor e Pai da Glória (Sl 24.7-10; At 7.2; Ef 1.17)<sup>151</sup> que, através

<sup>146</sup> João Calvino, *A Verdadeira Vida Cristã*, São Paulo: Novo Século, 2000, p. 30. De forma semelhante: “Não busquemos as cousas que são nossas, mas aquelas que não somente sejam da vontade do Senhor, como também contribuam para promover-lhe a glória” (João Calvino, *As Institutas*, III.7.2).

<sup>147</sup> João Calvino, *O Livro dos Salmos*, (Sl 69.9), Vol. 3, p. 21-22.

<sup>148</sup> João Calvino, *Romanos*, 2ª ed. São Paulo: Parakletos, 2001, (Rm 11.36), p. 430.

<sup>149</sup> A.A. Hodge, *Esboços de Teologia*, p. 223.

<sup>150</sup> “Pois se homens e anjos juntassem sua eloquência em função deste tema, ainda assim tocariam mui diminutamente em sua imensurabilidade” [João Calvino, *Efésios*, São Paulo: Parakletos, 1998, (Ef 1.14), p. 39].

<sup>151</sup> “Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó portais eternos, para que entre o Rei da Glória. Quem é o Rei da Glória? O SENHOR, forte e poderoso, o SENHOR, poderoso nas batalhas. Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó portais eternos, para que entre o Rei da Glória. Quem é esse Rei da Glória? O SENHOR dos Exércitos, ele é o Rei da Glória” (Sl 24.7-10). “Estêvão

de Seu Filho “vestido de nossa carne, se revelou agora par ser o *Rei da glória e Senhor dos Exércitos*”.<sup>152</sup> (1Co 2.8; Tg 2.1/Jo 1.14).<sup>153</sup>

O alvo final de todas as coisas é a glória Deus: nada é mais elevado ou importante do que o próprio Deus. Como decorrência do tópico anterior, podemos afirmar que há aqui um desafio extremamente difícil para todos nós individualmente e para a igreja como todo: abrir mão de nossos interesses aparentemente mais relevantes (aliás, em nossa ótica, o que há de mais importante do que os nossos interesses? Qual a dor maior do que a minha?) pelo que, de fato, é urgentemente relevante em sua própria essência. Lloyd-Jones ilustra este ponto positivamente partindo do exemplo de Jesus Cristo, que na quinta feira antes de Sua entrega em favor do Seu povo, ora ao Pai revelando a sua genuína preocupação: glorificar o Deus Pai (Jo 17.1): “Acima de nossa preocupação com as almas dos homens e com a sua salvação deve estar a nossa preocupação com a glória de Deus. O que devemos acentuar para os homens e para as mulheres que estão fora de Cristo e para os pecadores do mundo atual não é, primariamente, o fato de que eles são pecadores, e que são infelizes porque são pecadores, mas o fato de que o pecado deles é uma agressão a Deus e uma difamação da glória de Deus. O nosso interesse pela glória de Deus deve vir antes do nosso interesse pelo estado e condição do pecador. Isso foi verdade quanto ao nosso Senhor, e é Ele que nos envia”.<sup>154</sup>

Jesus Cristo desafia a Igreja a assumir a sua identidade, não uma simples máscara periódica: “*Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa. Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem (do/ca/zw) a vosso Pai que está nos céus*” (Mt 5.14-16).

A Igreja, como criação de Deus, é conclamada a viver de forma intencional para a glória de Deus, sendo um sinal luminoso que aponta de forma efetiva para o Seu Criador, a fim de que todos, através do nosso testemunho, possam glorificar a Deus.

O modo como pregamos o Evangelho reflete o nosso conceito de Deus. Nada é

---

respondeu: *Varões irmãos e pais, ouvi. O Deus da glória apareceu a Abraão, nosso pai, quando estava na Mesopotâmia, antes de habitar em Harã*” (At 7.2). “*Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele*” (Ef 1.17).

<sup>152</sup> João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, (Sl 24.8), p. 536.

<sup>153</sup> “*Sabedoria essa que nenhum dos poderosos deste século conheceu; porque, se a tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória (do/ca)*” (1Co 2.8). “*Meus irmãos, não tenhais a fé em nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória (do/ca), em acepção de pessoas*” (Tg 2.1). “*E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória (do/ca), glória (do/ca) como do unigênito do Pai*” (Jo 1.14).

<sup>154</sup> D.M. Lloyd-Jones, *Seguros Mesmo no Mundo*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2005 (Certeza Espiritual: Vol. 2), p. 20.

mais importante do que o caráter de Deus. Todavia, quando perdemos a dimensão de Quem é Deus, as demais coisas são descaracterizadas; somente a compreensão correta de quem é Deus pode conferir sentido à nossa existência e a todo o nosso labor missionário. Diante da majestade de Deus todas as demais coisas tornam-se aos nossos olhos, o que realmente são: pequenas.<sup>155</sup> De fato: “Não há glória real senão em Deus”.<sup>156</sup> A perda da dimensão correta da Majestade de Deus, tem como causa primeira, o descrédito para com a Sua Palavra: quando não conhecemos (cremos) nas Escrituras, também não conhecemos a Deus (Mt 22.29/Os 4.1,6).<sup>157</sup> Em 1996, um grupo de Evangélicos radicados nos Estados Unidos elaborou a *Declaração Teológica de Cambridge*. Na Quinta Tese, lemos:

“Todas as vezes que a autoridade bíblica é perdida na igreja, Cristo é despojado de seu lugar, o evangelho é distorcido, ou a fé pervertida, a razão é uma só: nossos interesses substituíram os de Deus e estamos fazendo seu trabalho à nossa maneira. A perda da centralidade de Deus na vida da igreja de hoje é comum e lamentável. É esta perda que nos permite transformar o culto em entretenimento, a pregação do evangelho em marketing, a confiança em técnica, ser bom em sentir-se bem a respeito de si mesmo e fidelidade em ser um sucesso. Como resultado, Deus, Cristo e a Bíblia acabam significando muito pouco para nós e permanecem muito inconsequentemente sobre nós.

“Deus não existe para satisfazer nossas ambições, desejos e apetites de consumidores ou nossos interesses espirituais particulares. Devemos focar a nossa adoração em Deus, ao invés de buscar na adoração a satisfação de nossas necessidades pessoais. Deus é soberano na adoração; nós não o somos. Nossa preocupação absoluta deve ser pelo reino e a glória de Deus, não por nossos impérios, popularidade ou sucesso”.<sup>158</sup>

Portanto, o que anunciamos jamais será o Evangelho bíblico se consistir apenas numa mensagem de alívio para as supostas necessidades do homem. Esta concepção nos parece imperiosamente relevante. Quando proclamamos o Evangelho, estamos glorificando a Deus através de nossa obediência ao Seu mandamento de anunciar a mensagem de redenção a todos os homens. “O nome de Deus nunca é melhor celebrado do que quando a verdadeira religião é extensamente

---

<sup>155</sup> Comentando Dn 3.28 – quando Nabucodonosor admite que Sadraque, Mesaque e Abedenego preferiram obedecer a Deus ao decreto real –, Calvino escreve: “Toda e qualquer pessoa que olha para Deus, facilmente menospreza a todos os mortais e a tudo o que se afigura esplêndido e majestoso no mundo inteiro” [João Calvino, *O Profeta Daniel: 1-6*, São Paulo: Parakletos, 2000, Vol. 1, (Dn 3.28), p. 228].

<sup>156</sup> João Calvino, *As Pastorais*, São Paulo: Parakletos, 1998, (1Tm 1.17), p. 46.

<sup>157</sup> “Respondeu-lhes Jesus: Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus” (Mt 22.29). “Ouvi a palavra do SENHOR, vós, filhos de Israel, porque o SENHOR tem uma contenda com os habitantes da terra, porque nela não há verdade, nem amor, nem conhecimento de Deus. (...) O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento. Porque tu, sacerdote, rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei, para que não sejas sacerdote diante de mim; visto que te esqueceste da lei do teu Deus, também eu me esquecerei de teus filhos” (Os 4.1,6).

<sup>158</sup> Documento capturado em 22/07/06 no site: [www.alliancenet.org](http://www.alliancenet.org)

propagada e quando a Igreja cresce, a qual por essa conta é chamada ‘plantações do Senhor, para que Ele seja glorificado’ [Is 61.3]”.<sup>159</sup>

Contudo, devemos também ter em mente que o nosso propósito em assim fazê-lo deve ser o de glorificar a Deus no anúncio de Sua mensagem redentiva. Deus é glorificado não somente através dos que crêem, quando a Sua misericórdia resplandece, mas, mesmo através daqueles que rejeitam a mensagem, sendo glorificada a sua paciência e justiça (Rm 9.22-24)<sup>160</sup> que são tão santas como o seu amor e misericórdia. Portanto, a Igreja de Deus, no seu ato essencial de proclamar as virtudes de Deus (1Pe 2.9-10), tem como objetivo final a Glória de Deus (Rm 11.36; 1Co 10.31). A Evangelização visa glorificar a Deus através do anúncio da natureza de Deus e de Sua obra eficaz efetivada em Cristo Jesus. Ousamos dizer, que a Evangelização tem fundamentalmente como alvo final, glorificar a Deus; e Deus é glorificado através da salvação de Seu povo (Is 43.7; Jo 17.6-26; Ef 1.7/2Ts 1.10-12) e a conseqüente confissão de Sua soberania (Fp 2.5-11). Quando evangelizamos estamos revelando o nosso amor a Deus e ao nosso próximo, glorificando a Deus, sendo-Lhe obedientes na vivência de nossa natureza de proclamação e serviço. “*Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama*” (Jo 14.21). Nós glorificamos a Deus sendo-Lhe obediente (Jo 17.4). A glória de Deus é muito maior do que a nossa salvação; mas, também sabemos que “a glória de Jesus é a salvação de seus seguidores”.<sup>161</sup>

O Espírito dirige a Igreja na glorificação de Cristo, ensinando-lhe a obediência proveniente da fé.<sup>162</sup> Para isto, temos no Filho o próprio paradigma a ser seguido: Foi justamente na obediência perfeita ao Pai, que o Filho O glorificou. “*Eu te glorifiquei (do/ca/zw) na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer*” (Jo 17.4). Quando evangelizamos revelamos o nosso amor a Deus e ao nosso próximo, glorificando a Deus, sendo-Lhe obedientes na vivência de nossa natureza de proclamação e serviço. “*Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama*” (Jo 14.21). Nós glorificamos a Deus sendo-Lhe obediente (Jo 17.4). A obediência é fruto da genuína fé. “Só o crente é obediente, e só o obediente é que crê”.<sup>163</sup> Na obediência a Cristo, a Igreja O glorifica. O Espírito que cumpre Seu

<sup>159</sup> João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Edições Parakletos, 2002, Vol. 3, (SI 102.21), p. 581.

<sup>160</sup> “*Que diremos, pois, se Deus, querendo mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição, a fim de que também desse a conhecer as riquezas da sua glória (do/ca) em vasos de misericórdia, que para glória (do/ca) preparou de antemão, os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios?*” (Rm 9.22-24).

<sup>161</sup> William Hendriksen, *O Evangelho de João*, São Paulo: Cultura Cristã, 2004, (Jo 17.6), p. 758.

<sup>162</sup> “A principal obra do Espírito Santo é glorificar ao Senhor Jesus Cristo. Portanto, não haverá valor em nossas orações, se não cremos nEle, em Sua divindade singular, em Sua encarnação, nascimento virginal, milagres, morte expiatória, ressurreição e ascensão. O Espírito O glorifica e, portanto, devemos crer nEle e ser ‘unânimes’ em nossa doutrina” [D. Martyn Lloyd-Jones, *A Unidade Cristã*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1994, p. 72].

<sup>163</sup> Dietrich Bonhoeffer, *Discipulado*, 2ª ed. São Leopoldo, RS.: Sinodal, 1984, p. 25.

Ministério obedientemente (Jo 16.13-14),<sup>164</sup> conduz a Igreja a ser a glorificação de Cristo em sua obediência (Jo 17.9,10).<sup>165</sup>

Se pudéssemos imaginar na eternidade alguém perguntando sobre os frutos da Obra do Pai, do Filho e do Espírito Santo, encontraríamos a resposta na indicação jubilosa da Igreja de Deus, a qual Ele comprou com o Seu próprio sangue e preservou até o fim (At 20.28/Is 43.7/Ef 1.3-14; 2.6,7). "A Igreja é o brilho mais esplendente da sabedoria de Deus (...). A Igreja é a expressão final da sabedoria de Deus, a realidade que, acima de todas as demais, capacita até os anjos a compreenderem a sabedoria de Deus".<sup>166</sup>

O Evangelho deve ser proclamado em sua inteireza a todos os homens e ao homem todo; a Teologia oferece solidez na transmissão desta verdade, mostrando Quem é Deus e a real necessidade do homem. "Tudo o que as Escrituras dizem a respeito do homem, e particularmente tudo o que elas dizem sobre a salvação do homem, é afinal de contas para glória de Deus. Nossa teologia está centralizada em Deus porque nossa vida está centrada em Deus."<sup>167</sup>

Quando a *evangelização* transforma-se apenas em questão de estatística — número de membros, tamanho do edifício, arrecadação, relevância social das pessoas que freqüentam os cultos, etc. —, há muito deixamos de compreender o genuíno significado do Evangelho bíblico. A grandeza e importância da Igreja está em Seu Senhor; as demais coisas são periféricas. A mensagem do Evangelho propõe-se a anunciar a Deus na beleza de Sua santidade, sabendo que Deus será glorificado através de nossa fidelidade à Sua Palavra.

O livro de Atos se constitui no maior relato da glorificação de Cristo pelo Espírito: A expansão missionária e a edificação dos crentes. Quando cristãos sinceros pregavam o Evangelho e, homens e mulheres eram transformados pelo seu poder, sendo conduzidos a uma vida santa, Cristo estava sendo glorificado. E este ainda é o modo efetivo de glorificar a Deus: obedecendo aos Seus mandamentos.

Nas páginas do Novo Testamento vemos que quando a liderança da Igreja de Jerusalém foi convencida por Pedro — como este também o fora pelo Senhor —, de que a mensagem do Evangelho era para todos, sem exceção; com alegria glorificaram a Deus: "*E, ouvindo eles estas coisas, apaziguaram-se e glorificaram (doca/zw) a Deus, dizendo: Logo, também aos gentios foi por Deus concedido o arrependimento para vida*" (At 11.18). Posteriormente, quando os gentios entenderam a mensa-

---

<sup>164</sup> "Quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir. Ele me glorificará (doca/zw), porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar" (Jo 16.13-14).

<sup>165</sup> "É por eles que eu rogo; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus; ora, todas as minhas coisas são tuas, e as tuas coisas são minhas; e, neles, eu sou glorificado" (Jo 17.9-10).

<sup>166</sup> D. Martyn Lloyd-Jones, *As Insondáveis Riquezas de Cristo*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1992, p. 77.

<sup>167</sup> Cornelius Van Til, *An Introduction to Systematic Theology*, Phillipsburg, New Jersey: Presbyterian and Reformed Publishing Co. 1974, p. 1.

gem do Evangelho após a pregação de Paulo inspirada no profeta Isaías, relata Lucas: “Os gentios, ouvindo isto, regozijavam-se e glorificavam (doca/zw) a palavra do Senhor, e creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna” (At 13.48). Quando Paulo relata aos presbíteros de Jerusalém como Deus operara entre os gentios através do seu ministério, “Ouvindo-o, deram eles glória (doca/zw) a Deus e lhe disseram: Bem vês, irmão, quantas dezenas de milhares há entre os judeus que creram, e todos são zelosos da lei” (At 21.20). Notemos que em todas estas manifestações, Deus e a Sua mensagem é que eram engrandecidos: a glória pertence unicamente a Deus!

Paulo no final da segunda carta aos tessalonicenses, roga àqueles irmãos que conheçam o poder e glória do Evangelho: “Finalmente, irmãos, orai por nós, para que a palavra do Senhor se propague e seja glorificada (doca/zw), como também está acontecendo entre vós” (2Ts 3.1). A Igreja prega o Evangelho e ora para que Deus, somente Deus seja glorificado através de sua missão. De fato, Deus o será todas as vezes que a Igreja for-Lhe fiel.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Sem a operação do Espírito da Graça (Hb 10.29), toda a nossa reflexão, todo o nosso esforço, todos os nossos métodos, toda a nossa oratória e capacidade de persuasão serão vãos. O poder do Evangelho está no conteúdo da Sua Mensagem, que somente é compreendido mediante a ação do Espírito, que nos capacita a engrajar o Evangelho da Glória de Deus.

Aos imaturos coríntios que disputavam para saber quem era o maior entre aqueles que lhes haviam servido, Paulo lhes mostra que todos são servos:

*“1 Eu, porém, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, e sim como a carnis, como a crianças em Cristo.*

*2 Leite vos dei a beber, não vos dei alimento sólido; porque ainda não podíeis suportá-lo. Nem ainda agora podeis, porque ainda sois carnis.*

*3 Porquanto, havendo entre vós ciúmes e contendas, não é assim que sois carnis e andais segundo o homem?*

*4 Quando, pois, alguém diz: Eu sou de Paulo, e outro: Eu, de Apolo, não é evidente que andais segundo os homens?*

*5 Quem é Apolo? E quem é Paulo? Servos por meio de quem crestes, e isto conforme o Senhor concedeu a cada um.*

*6 Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus.*

*7 De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento.*

*8 Ora, o que planta e o que rega são um; e cada um receberá o seu galardão, segundo o seu próprio trabalho.*

*9 Porque de Deus somos cooperadores; lavoura de Deus, edifício de Deus sois vós” (1Co 3.1-9). (Vejam-se também: Hb 10.29/1Co 1.17; 2.1-5/1Ts 1.5).*

J.I. Packer nos diz isto de forma contundente:

“Por mais que apresentemos o evangelho de forma clara e convincente-

te, não temos qualquer esperança de convencer ou converter quem quer que seja. Poderíamos o prezado leitor e eu, mediante nossas palavras mais intensas, quebrar o poder que Satanás exerce sobre a vida de um homem? Não. Poderíamos proporcionar vida aos espiritualmente mortos? Não. Poderíamos nutrir a esperança de convencer os pecadores sobre a verdade do evangelho mediante as mais pacientes explicações? Não. Poderíamos esperar levar os homens a obedecerem ao evangelho através de quaisquer palavras de exortação que porventura disséssemos? Não. Nossa maneira de evangelizar não será realista enquanto não tivermos enfrentado esse fato esmagador, permitindo que ele exerça o devido impacto sobre nós. (...) Considerada como um empreendimento humano, a evangelização é uma tarefa inútil. Em princípio não pode produzir o efeito desejado. Podemos pregar, e pregar de modo claro, fluente e atrativo; podemos falar a indivíduos da maneira mais apropriada e desafiadora; podemos organizar cultos especiais, distribuir folhetos, exibir cartazes e encher a terra de publicidade - mas não há a mais remota esperança de que toda essa queima de esforços será capaz de conduzir qualquer alma a Deus. A não ser que algum outro fator interfira nessa situação, nossos próprios desempenhos, todas as atividades evangelísticas estarão condenadas de antemão ao fracasso. Esta é a verdade, nua e crua que temos de enfrentar".<sup>168</sup>

Finalmente, devemos nos lembrar de que Deus é o Senhor. A nós compete pregar, ensinar, interceder, suplicar. A oração deve ser o elemento agregador de todos os nossos atos. A oração é a declaração solene e existencial do povo de Deus, de que a sua suficiência e capacidade estão em Deus. Orar é exercitar a nossa fé naquele que temos conhecido. A salvação, como já vimos, é um ato exclusivo de Deus: Somente a Ele pertence (Jn 2.9; 1Co 1.21; Hb 2.10; 5.9; Tg 4.12; Ap 7.10; 19.1). Que Deus nos abençoe, nos capacitando, pelo Espírito a ser testemunhas fiéis. Amém.

São Paulo, 26 de outubro de 2007.  
Rev. Hermisten Maia Pereira da Costa

---

<sup>168</sup> J.I. Packer, *Evangelização e Soberania de Deus*, p. 74-75.